

Diego Pontes

**A INSUSTENTÁVEL ARQUITETURA DOS CORPOS: O
GÊNERO E A SEXUALIDADE ENQUANTO DIFERENCIAIS NA
EXPERIÊNCIA URBANA**

Trabalho de
Conclusão de
Curso
apresentada ao
Curso de
Bacharelado em
Ciências Sociais
da Universidade
Federal de
Santa Catarina,
orientado pela
Prof. Dra.
Miriam Pillar
Grossi

Florianópolis, SC
Julho de 2014

DIEGO PONTES

**A INSUSTENTÁVEL ARQUITETURA DOS CORPOS:
o gênero e a sexualidade enquanto diferenciais na experiência urbana**


Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Ciências Sociais
da Universidade Federal de Santa
Catarina, como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do Grau de
Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientadora: Miriam Pillar Grossi



Miriam Pillar Grossi

Presidenta da banca – Orientadora



Camilo Albuquerque de Braz - UFG

Membro



Sílvia Loch

Sílvia Loch - UFSC

Membro

Florianópolis, 24 de abril de 2014



(Arte de rua do coletivo Transverso)

*seria isso
um poema
sobre Brasília?
seria um poema?
seria Brasília?*

Nicolas Behr, em *Poesília*.

AGRADECIMENTOS

Registro meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Miriam Pillar Grossi pela paciência, pelo incentivo, pelas contribuições e confrontações, e também pela confiança em meu trabalho. Sou muito grato por ter te conhecido durante minha trajetória acadêmica e ter tido contato com seu olhar sensível sobre a Antropologia, a ciência, e a própria relação entre orientadorxs e orientandxs durante o processo de construção e desconstrução de conhecimentos.

À Lia Zanotta Machado pelos inúmeros livros emprestados e orientações iniciais com a pesquisa no período que estive em mobilidade acadêmica na Universidade de Brasília – UnB.

Agradeço ao Felipe Fernandes, Anna Horstmann Amorim e Silvia Loch pelas valiosas sugestões e contribuições no exame de qualificação do projeto inicial deste trabalho.

Ao Professor Arno Vogel pelas provocações iniciais a respeito do exercício antropológico e pelo olhar de *como as crianças veem a cidade*.

Às professoras Alícia Casttels, Ana Cavani, Ilka Boaventura Leite, Adelia Mieglovich, Jacques Mick, Antônio Brunetta, Frederico Schwerin Secco e Sérgio Tavolaro.

À Rose, por sempre carinhosamente me esclarecer às confusas burocracias acadêmicas.

À Ana Rabelo, pelos cafés, pelos abrigos, pelo carinho, pelas caronas por Brasília, pelas conversas sempre rodeadas de “astrologias brasilienses” e “amores e outros demônios”. Ontem choramos a morte do García Márquez e te encontrei em um livro dele que tirei da estante e coloquei em circulação pela casa.

Ao Diego Simas, pelo carinho, pelas gargalhadas deliciosas, pelo scanner do livro-drama-urgência com a *barbie* na última página (risos),

fazendo a ponte entre Florianópolis e Brasília, entre o inesperado e a saudade, me fazendo ver que a vida é mesmo uma *barbie trash* na última página de um livro (risos).

À Barbara Lopes, pelo seu ar brasileiro mais brasileiro. Quebrando maxilares já quebrados e indo visitar no dia seguinte como se nada tivesse acontecido (risos). Que bom que meu maxilar está aqui pra rir de tudo isso.

À Paula, Samantha e Bia pelos deliciosos almoços vegetarianos e conversas inquietantes. E também por terem me apresentado ao mundo dos felinos. Um mundo guiado por outra dimensão corpórea, espacial e temporal. Obrigado pelas gatas e pelo carinho felino.

À Hully Falcão, pelo “biquinho do estruturalismo” (risos), pelos abrigos, pelos abraços, pelo cuidado, e pela *carne e pedra* de presente enchendo minha caixa de correio e o meu dia de alegria.

À Marianne Bulhões, pelo sorriso que sempre me lembro com muita saudade. Impossível lembrar de você e não explodir pelos olhos. Parece que foi mesmo “decretado que a loucura poderá circular livremente pela cidade e sentar nos bancos das praças”.

À Gisele Felippo, pelas noites ébrias ao som do “canto da cidade” (risos) e pelo macarrão pesto mais prostituto da história. Deliciosas e carinhosas lembranças.

À Luciana Cristina Barbosa (Lucy Cris), por construir comigo um amor nômade, escrito na grafia pelas viagens à Atafona, cidade fantasma, que reorientou minhas formas de pensar a presença, o vazio, o amor e a cidade. Te trago sempre comigo, Lu. Um passo a frente e já não estamos no mesmo lugar.

À Julia Guimarães Barbosa. O que dizer? Ter te conhecido, ter dividido a casa, os sonhos, as angústias, os medos, as alegrias, os caminhos perdidos e sem rumo em Recife, ou o dia que mais caminhei em minha vida em João Pessoa, as 21 caronas do RJ até RN ou até o infinito, me leva a te agradecer pelo amor em movimento, estrangeiro, que existe justamente na margem e no choque com o novo. Te agradeço por ter me feito pensar o mundo e a mim mesmo através das sensações e não dos sentidos.

Aos queridos Pedro Azevedo e Davi Teixeira por “fazerem a ponte” e estreitarem as fronteiras da saudade. Me mandem mais sedex!!!

À Dani Calvo, Emília Dutra, Natasha de Hollanda, Sophia Caroline, Fernando B. , Bruna Kloppel e Juliana Itabaiana (JuJu Lok Lok) pelo carinho e por terem estado sempre presentes em suas *passagens* pela casa durante o processo de escrita deste trabalho.

Ao Lucas Figueiró, por transdesorientar todas as minhas formas de sentir e de encarar a poética suja da vida. Obrigado por fazer parte de meu processo diário de reinvenções e questionamentos de mim mesmo e do mundo. Acho que isso é o mais próximo do que entendo por amor. Brincando com rinocerontes.

À Kessila Maria, pelas libertadoras conversas e trocas partilhadas no sensível. Também pelos momentos do dia-a-dia em nosso ninho, nossa arquitetura da loucura, nossa “pornotopia 33”, construída na grafia do sensível e inicialmente a partir de dois corações cheios de sonhos e vontade de viver. Você me faz ver/sentir o mundo de cabeça pra baixo, virado do avesso, mundo-monstro-corpo-arquitetura-banheiro-posições-de-amor.

Ao Lucas Moreira, pelo acaso.

À Caroline Santos, por me fazer repensar as potencialidades do medo e também pelas fugas e *flaneur* ao som de Belchior. Te agradeço por pagar meu resgate na Ciudad del Este (risos), pelo *rolezinho* nas Cataratas, passando pela Argentina e dando um pulo no nordeste do Brasil. Como é gostoso compartilhar o movimento com você. Fazer do *flaneur*, *rolezinho*. Suerte, cariño!

À Marilena, Estevão e Raphael, pelo apoio e por estarem marcados em mim, e por isso, também sempre presentes em meus processos de desconstrução. Amo vocês.

Por fim, agradeço aos/às errantes urbanos/as, conhecidos/as e desconhecidos/as, que por onde passam deixam marcas e rastros da resistência à arquitetura e ao urbanismo racional, fixo e ordenado.

RESUMO

Pensando o gênero e a sexualidade enquanto diferenciais na experiência urbana contemporânea, este trabalho discute a relação entre a arquitetura dos corpos e da cidade. Por meio de saídas de campo em uma área do Parque da Cidade de Brasília – DF, analiso as práticas errâtes que se desenrolam no campo e em que medida podem contribuir para uma crítica ao processo de espetacularização a qual se encontra a cidade e o corpo no contexto contemporâneo.

Palavras-Chave: corpo; cidade; gênero; sexualidade; urbanismo; arquitetura.

ABSTRACT

Thinking to gender and sexuality as a differential in contemporary urban experience, this work discusses the relationship between the architecture of the bodies and the architecture of the city. Through fields trips in an area of the Parque da Cidade in Brasília – DF, I made an analysis of the errant practices that take place in this field and how they can contribute to a critique of the spectacle process in which we can find again both the city and the bodies in a contemporary context.

Keywords: body, city, gender, sexuality, urbanism, architecture

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - “Homens” e “bichas”: Sistema A.....	51
Tabela 2 – “Homens” e “entendidos”: Sistema B	52

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Parque da Cidade	19
Figura 2 – Planta do Panopticon de Bentham.....	34
Figura 3 - Ruínas da Piscina de Ondas do Parque da Cidade.....	44
Figura 4 - Um dos vestiários que fazia parte da área da Piscina de Ondas.....	45

SUMÁRIO

Introdução	19
1 A Cidade vista a partir de corpos sexualizados	25
1.1 A profanação da cidade e dos corpos	32
2 Alguns ecos do parque, algumas notas de campo	39
2.1 (Des)mapeamento do campo	43
2.2 Sobre as identidades masculinas	50
3 Percursos sobre o corpo	57
3.1 Arquitetura <i>corpo-a-corpo</i>	61
4 Considerações Finais	65
Referências	67

Introdução

Interações multidirecionadas, contágios e etnografia em movimento: a inserção no campo.

As reflexões presentes neste trabalho partem dos caminhos errantes percorridos pelo Parque da Cidade em Brasília – DF. A sobreposição de usos do parque, no que diz respeito à coexistência de práticas, exercícios e experimentações do lugar, faz com que este mesmo ambiente ocupado por famílias, “atletas do cerrado” e casais enamorados, seja também vivenciado por experiências do corpo-cidade a partir de outros códigos. “Talvez códigos distantes dos valorizados por aquelas famílias e aqueles casais que estavam no parque antes que a noite chegasse.” (diário de campo, 16 de julho de 2012).

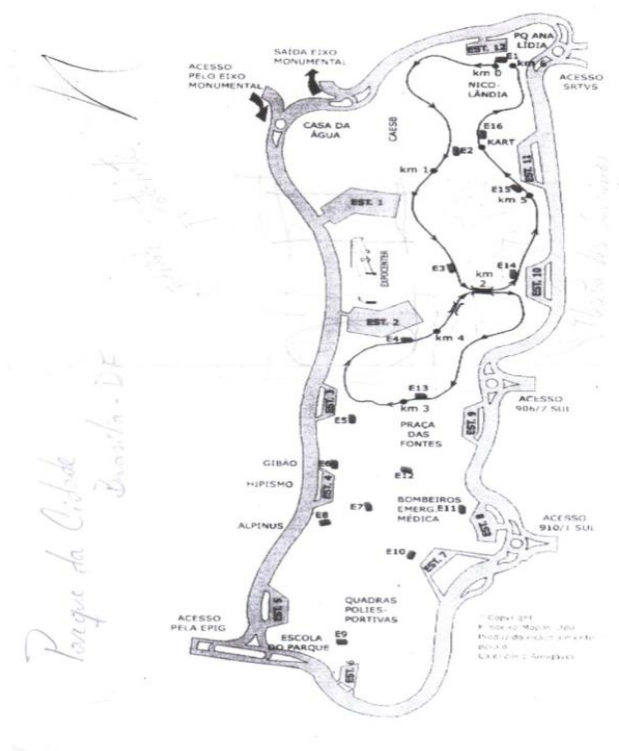


Figura 1 – Mapa do Parque da Cidade. Fonte: acervo pessoal.

Como forma de orientar o/a leitor/a sobre o lugar de onde falo e teço estas ideias, sou levado a recompor o caminho percorrido até o meu primeiro contato com o campo e seus desdobramentos.

Em mobilidade acadêmica na UnB – Universidade de Brasília entre o segundo semestre de 2011 e o primeiro de 2012, a pesquisa começou a ser desenvolvida sob orientação da professora Lia Zanotta Machado no Departamento de Antropologia (DAN) da UnB – Universidade de Brasília. Assim, durante o ano que estive em Brasília realizei diversas saídas a campo, algumas programadas, outras guiadas pelo *flaneur* (BENJAMIN: 2006), um caminhar ébrio sem muitos compromissos e expectativas, mas atento e aberto aos sinais produzidos pelo choque com o novo, com o “desconhecido” e o “estranho”.

A realização desta pesquisa de TCC, que nomeio de “etnografia em movimento”, foi marcada também pelos caminhos que percorri na realização do curso de Ciências Sociais em três universidades: UENF, UnB e UFSC. Nesta proposta metodológica, meu corpo guiado por um olhar sobre as urbanidades a partir da *Etnografia de rua* e dos estudos de antropologia urbana, que visam “dar oportunidade ao cotidiano da rua se mostrar”, se coloca em campo e caminha por entre corpos que se apropriam do espaço por meio de suas práticas sexuais “fora do lugar”. Com isso, tais práticas operam como desestabilizadoras de argumentos e questões a respeito do espaço guiado pelo processo de espetacularização a qual se encontra a cidade contemporânea. (JACQUES: 2012).

Como mostram Cornelia Eckert e Ana Luiza C. da Rocha (2013), “para se praticar uma boa etnografia de rua o pesquisador precisa aprender a pertencer a este território como se fosse sua morada, lugar de intimidade e acomodação afetiva” (p.9). Me entrego, então, às interações multidirecionadas, ao contato com “corpos que circulam entre as árvores e nos carros e motos pelos estacionamentos. Homens de carro, homens de moto, homens de bicicleta, homens à pé”. (diário de campo, 11 de abril de 2012).

É partindo da valorização da postura metodológica do *flaneur* como meio de acesso ao mundo etnográfico, e também intrigado com a perspectiva da *etnografia e corpografia urbana* que me encontro rodeado por discussões sobre estudos urbanos no semestre em que estive na UnB, especificamente com os debates e aulas que sempre traziam o ponto de vista das especificidades brasilienses.

Deparei-me, então, com questionamentos interessantíssimos que brotaram de uma aula de Sociologia Brasileira, ministrada pelo professor Sérgio Tavolaro, que traziam debates sobre as realidades coexistentes no processo de construção de Brasília e o seu papel político

na construção do(s) pensamento(s) social(ais) brasileiro(s). Seus exemplos sobre o debate intelectual que traz Brasília e a questão da modernidade iam de encontro ao que Lia Zanotta Machado e Themis Quezado de Magalhães (2010) escreveram em *Imagens do espaço: imagens da vida* onde narram as múltiplas faces e as semânticas diversas da cidade.

As autoras, ao negarem a existência de uma Brasília *utópica*, acompanhada de seu *mito de cidade única* como proposta no Plano de Lucio Costa¹, mostram o quão infundado é o debate intelectual a seu respeito, passando pelo discurso de preservação do princípio moderno do plano original da cidade, desconsiderando a Brasília que aconteceu depois do Plano implantado. Segundo as autoras:

[...] a realidade passa a ser tudo aquilo que não está no desenho original: as reformas do Plano Piloto e, principalmente, a proliferação e crescimento das cidades-satélites. O debate intelectual esquece que, na verdade, o plano nunca foi mais que a definição de um partido urbanístico para desenvolvimento de uma cidade capitalista. (MACHADO; MAGALHÃES: 2010. p. 319)

Gustavo Lins Ribeiro (2008) narra à experiência dos trabalhadores envolvidos na construção de Brasília em sua etnografia sobre a construção da cidade. Por meio de um aparato metodológico que mistura historiografia e etnografia, de modo a pôr em questão o discurso ideológico dominante das narrativas sobre Brasília, o autor apresenta um estudo que “se afasta do ponto de vista dos poderosos, dos políticos, dos arquitetos, dos engenheiros e dos administradores” (RIBEIRO: 2008; p. 13) e aponta para um olhar sobre uma Brasília não escrita nos registros oficiais.

O primeiro contato com este campo de pesquisa foi facilitado pela relação estabelecida com amigos frequentadores do parque para experimentação sexual. O convite para incursão neste território se deu na UnB após uma das aulas do horário da tarde, em conversa com um colega, também estudante de ciências sociais, quando falávamos sobre

¹ Dos cinco projetos urbanísticos e arquitetônicos finalistas para a construção de Brasília, o de Lucio Costa foi contemplado trazendo a projeção dos ideais modernistas em forma de cidade, onde os e as habitantes são pensadas como sujeitos genéricos e universais.

os devires e experimentações dos espaços urbanos com relação aos estudos antropológicos na área de gênero e sexualidade.

Em outros momentos já havíamos trocado ideias sobre o Parque da Cidade a respeito do urbanismo e da arquitetura de Brasília, na problematização do que significa o parque estudado como um espaço de transgressão no contexto de uma cidade planejada e apresentada como modelo do modernismo.

Encarando a arquitetura, o gênero e a sexualidade enquanto construção social cujos caminhos se sobrepõem, me instigo a um olhar sobre a cidade a partir do gênero e da sexualidade, pensando inicialmente como homens, mulheres e pessoas não binárias são apresentadxs à cidade de maneiras diferentes, e como isso reflete na experimentação do urbano.

Durante a conversa esse amigo me convidou para irmos até o parque, já que havia prometido me levar até lá em algum momento. Fomos até o estacionamento da Universidade pensando qual seria o caminho que pegaríamos menos trânsito para chegar até nosso destino. Cruzamos a metade da Asa Norte pelo *Eixão*, e em 15 minutos estávamos no início da Asa Sul, no Parque da Cidade.

No percurso, as “ruas-avenidas, ruas-caminhos, ruas-becos, ruas-esquinas [ruas-moradias] que funcionam como canais de circulação e de sociabilidades” (CUTY: 2013; p. 9), somavam-se a seguinte questão: quais representações possíveis de gênero e sexualidades atravessadas pelas políticas sexuais das ruas, dos parques e da diluição das fronteiras entre o público e o privado? Quais seriam as relações entre a arquitetura dos corpos e da cidade?

É por este caminho metodológico que pretendi captar fragmentos dos percursos do parque. Isto possibilitou um inescapável debate acerca dos próprios limites e restrições proscritas ao contato com “o outro” nas pesquisas antropológicas, sobretudo as que colocam em tensão e questão a possibilidade de envolvimento afetivo-sexual durante o trabalho de campo.

Sendo assim, envolto aos debates que giram em torno da *etnografia e corpografia urbana*, busco captar fragmentos do processo e dos discursos em trânsito no espaço posto a análise, assim como ampliar a discussão sobre a cidade contemporânea e a arquitetura das relações de gênero e sexualidades.

Utilizarei as contribuições trazidas por Paola Jacques (2012), em seu *Elogio aos errantes*, no que diz respeito a valorização das práticas erráticas pela cidade para a tessitura de uma crítica a arquitetura e ao urbanismo atravessados pelo *espetáculo*, e também discussões pelos

caminhos da *Teoria Queer*, que coloca em evidência a fragmentação e subversão dos corpos e suas travessias.

Isso possibilita a apreensão dos espaços da cidade a partir da perspectiva das *errâncias urbanas*, que (des)orientam a crítica à arquitetura e ao urbanismo hegemônicos e ao corpo e seus desejos sequestrados.

No primeiro capítulo busco ampliar o olhar acerca das conexões e dissonâncias entre sexualidade, desejo, gênero e cidade. Os sub-ítems *A cidade vista a partir de corpos sexualizados* e *A profanação da cidade* trazem elucidações entre o corpo, antropologia urbana e arquitetura e urbanismo crítico, onde ao fornecer atenção ao gênero e a sexualidade enquanto marcadores sociais da diferença na experimentação contemporânea da cidade, as expressões corporificadas em forma de *micro-resistência* ao processo de espetacularização da cidade ganham valor e abrem espaço para reflexões sobre a arquitetura do corpo e da cidade.

No capítulo seguinte trago notas de campo sobre o Parque da Cidade e representações de masculinidades rueiras esbarradas em campo, além da problematização e valorização da subjetividade na prática antropológica e nas experimentações metodológicas a partir dos conflitos vivenciados durante o Trabalho de Campo.

O terceiro capítulo versa os *percursos sobre o corpo*, apresentando uma análise através da desconstrução do sistema sexo-gênero a partir da discussão proposta por Maria Luisa Femenias na palestra “*Contribuições filosóficas de Judith Butler para a teoria feminista contemporânea*” (UFSC: 2013)², e busca impulsionar articulações de ideias de críticos em urbanismo e arquitetura com propósito de trazer reflexões sobre *a insustentável arquitetura dos corpos*.

Por fim, nas considerações finais do trabalho, além de recompor os caminhos percorridos durante a pesquisa, apresento de forma breve uma reflexão a partir de um olhar crítico ao método *corpo-a-corpo* proposto pela arquiteta modernista Lina Bo Bardi.

² Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99582>> Data de acesso: 21 de abril de 2014.

1 A Cidade vista a partir de corpos sexualizados

“Ninguém sai o mesmo de um ritual. Chego a acreditar que é realmente impossível afetar sem ser afetado, transformar sem ser transformado. Uma mistura de muitos sotaques, corpos, figuras geométricas, barulhos e silêncios. Os outros caminhos encontrados, que me fazem ver o quanto as expectativas e os roteiros existem para um mundo que não é o nosso. Quantas possibilidades! É mesmo um labirinto; é tão amplo que chega a ser impossível não se perder. Impossível ter que escolher o caminho correto; o correto não existe. E por mais que tentem nos lembrar quase que diariamente o quanto essa arquitetura e todo esse plano deveria nos controlar e se impor sobre nós, não podemos ignorar que corpos subvertem essa ordem, ressignificam o espaço, e acabam por nos apresentar outras vias possíveis. Os becos não estavam nos planos. O sexo no parque, os suicídios no shopping e na torre, e as hortas coletivas também não. Tinham vadias no meio do caminho. Às vezes isso passa despercebido.”
(diário de campo, Brasília, 13 de agosto de 2012)

Em meio a construções e desconstruções de lugares, ruas e avenidas revitalizadas, prédios e casas implodidas, abandonadas ou ocupadas, pessoas e experiências multidirecionadas deslocando-se em diferentes frequências, espaços urbanos negociados em nome de uma cidade midiática, higienizada e pacificada, meu corpo embarça e se contamina. Ao caminhar pelas ruas, que guardam fluxos, dinâmicas e rotinas diferenciadas, recheadas de relações que preenchem e (de)formam a cidade, curvas se fazem potência. Confundo as fronteiras entre aquilo que é público e o que é privado, entre o normal e o anormal, o sagrado e o profano. O ritmo dos meus passos vão em direção aos convites da cidade.

Podemos notar nos relatos do antropólogo Antônio Arantes (2000) sobre o que ele denomina de a guerra dos lugares e as transformações do espaço público, em seu livro *Paisagens Paulistana*, que a dinâmica do mover-se pela cidade propicia a tessitura de uma

dissonância arquitetônica de formas sobrepostas marcadas por noções de território, lugar e não-lugar, “que resulta na formação de configurações espaço-temporais mais efêmeras e híbridas do que os territórios sociais de identidade tematizados pela antropologia clássica” (ARANTES: 2010; p. 106). Nesta direção, as afetividades urbanas cotidianas que embaralham as noções de lugar e tempo das ruas, apontam para caminhos distantes dos códigos-espacos-corpos-ritmos do tempo e do lugar sagrado da família. Não há tempo e lugar fixo que organize o espaço e o corpo. Borram-se as fronteiras das margens, do centro e da periferia, do público e do privado, reconfigurando, desse modo, as experimentações e o exercício da arquitetura do espaço público. Segundo Arantes:

O deslocamento excita a imaginação, libera lembranças e emoções. Faz reviver narrativas e flagrantes de experiências passadas. Leva ao encontro de referências pessoais e dos lugares de memória social. [...] A lembrança constitui o trajeto, obscurece as distâncias, estabelece relações. O caminhar permite a recolha de fragmentos de histórias pessoais e do lugar. [...] Neste sentido, caminhar pela cidade é decifrar aos poucos, e pelo movimento, um palimpsesto. (ARANTES: 2000; p. 119-121).

A partir de questionamentos acerca da rápida urbanização brasileira da segunda metade do século XX e das transformações espaciais marcadas por espaços urbanos higienizados e pacificados, no que diz respeito às vicissitudes das territorialidades do “mundo gay” paulistano entre 1959 e 1984, Néstor Perlongher (2008), ao etnografar a prostituição viril e seus desdobramentos no centro de São Paulo, discute o desejo socialmente proscrito nas derivas e experimentações dos lugares, e aponta para uma concepção de territorialidade não limitada ao espaço físico, mas especialmente a espaços dos códigos. Para o autor, a não solidez como característica constituinte desses espaços possibilita que essas territorialidades e seus deslocamentos sejam também espaços frutíferos à construção e vivência de outros códigos e outras negociações/subversões do corpo com a cidade. Desse modo, a rua passa a ser encarada como “mais do que mero lugar de trânsito direcionado ou de fascinação espetacular perante a proliferação consumista: é, também, um espaço de circulação desejante, de “errância sexual”.” (PERLONGHER: 2008, p. 166)

Tanto os escritos traçados por Larissa Pelúcio e Richard Miskolci em *Aquele não mais obscuro negócio do desejo* (2008) no prefácio à nova edição da etnografia rueira do centro da cidade de São Paulo narrada por Perlongher (2008), quanto Julio Assis Simões no *Negócio do desejo* (2008), comentam a atualidade e o brilhantismo errático do pensamento do autor.

Em 1987, foi publicada a primeira edição do *O negócio do michê*, um ano depois de ter sido defendida como dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp. Durante o período em que Perlongher realizou a pesquisa – 1982 a 1986 –, os estudos socioantropológicos sobre sexualidade eram ainda tímidos e marginalizados no Brasil, que vivia um cenário polítocultural de transição democrática e de institucionalização de alguns grupos políticos em defesa dos direitos gays e lésbicos. (FRY: 1982)

Ao propor uma reflexão sobre o social a partir do desejo, o autor o encara enquanto histórico e socialmente construído, e pensa sua relação com a sexualidade e o território. Em diálogo com o autor, Pelúcio e Miskolci (2008) trazem indagações que desvendam que “a heterossexualidade só pode existir fixando o periférico e, a partir dele, se definindo como central. Assim, os espaços das bordas não poderiam ser linhas de fuga, mas apenas limites fixados pela norma, desqualificando os que ali são alocados” (p.16). Daí a aproximação do pensamento de Perlongher com o que tem estado presente nos debates contemporâneos sobre pós-estrutura e pós-identidade, “em que modelos classificatórios passam a ser pensados como formas instáveis de categorias flutuantes, que circulam por diferentes relações” (SIMÕES: 2008). Para este último, também debruçado sobre as ideias de Perlongher, os conceitos deleuze-guattarianos de “desterritorialização” e “reterritorialização” trazidos por Perlongher em sua análise, fornecem um olhar sobre o movimento de ruptura com a norma e experimentação e criação de outras possibilidades de conexões entre a sexualidade, o desejo e o território. Para Simões:

Territorialidades envolvem, portanto, mais do que representações ou projetos: dizem respeito às mobilizações e deslocamentos espaciais e categorias, bem como à materialidade de corpos e partes de corpos ressaltados e valorizados, incluindo os próprios lugares que esses corpos percorrem e dos quais auferem parte de sua legibilidade. (SIMÕES: 2008; p.539)

Na discussão proposta por Foucault (1988) em *A História da Sexualidade - a vontade de saber*, onde ao compreender a sexualidade como um dispositivo histórico de poder, o filósofo abre espaço para pensar o quão a ordem social contemporânea se relaciona diretamente com uma ordem sexual, que compulsoriamente pretende orientar as formas e os meios pelos quais posicionamos, compreendemos, e experimentamos nossos próprios corpos.

Desse modo, torna-se possível perceber que todo o aparato – médico, educativo, tecnológico-midiático, arquitetônico, etc – projetado para a manutenção de estruturas e sistemas explicáveis que expressam uma “organização” social calcada no ideal binário da diferença sexual: homem e mulher, e com isso, um discurso naturalizado que aponta para uma “correspondência lógica” entre sexo-gênero-sexualidade-desejo, nos revela uma concepção racional de sujeitos *normais*, que a partir das marcas presentes em seus corpos, recebem o aval para experimentar a cidade.

Ao se construir uma posição de sujeito, supõe, o estabelecimento de contornos, limites, planejamentos, possibilidades e restrições. Essa mesma pretensa lógica métrica e cartesiana da arquitetura dos sujeitos pode ser observada nos planos arquitetônicos que traçam as cidades. Quando se trata de elucidar a experiência urbana, homens e mulheres (e toda uma série de outras categorias incabíveis no modelo binário masculino/feminino) vivenciam o espaço urbano de maneiras diferentes. (PRECIADO: 2010)

Com a sociedade heteronormativa sexualizada de forma controlada, e com os papéis de gênero definidos baseados na centralidade do desejo como meio de acesso à verdade sobre os sujeitos, o lugar da sexualidade se constrói entre o que pode ser visível e aceitável (público) e o que deve ser mantido em segredo (privado). Assim, se estabelece uma dinâmica de proibições e subversões que também fazem parte da relação do desejo com a (des)ordem social.

Em diálogo com as ideias de Foucault e com a *Teoria Queer*, o sociólogo Richard Miskolci (2009) diz que além dos desejos serem direcionados de formas rígidas, interferindo de maneira regulatória nas subjetividades sexuais dos corpos, todo o mecanismo institucional heterossexista nos insere na oposição binária da heterossexualidade/homossexualidade, “de forma a construir o espaço público como sinônimo de heterossexualidade por meio de uma “política da vergonha” que se manifesta na recusa cognitiva das relações entre pessoas do mesmo sexo.” (MISKOLCI: 2009; p.2)

No livro *Carne e Pedra*, Richard Sennett (2008) constrói uma narrativa sobre o corpo e a cidade na civilização ocidental, e argumenta que as formas dos espaços urbanos derivam de vivências corporais específicas de cada sociedade. Para compreender a cidade moderna desenhada por urbanistas iluministas, por exemplo, o autor mostra que planejava-se a cidade partindo de um ideal orgânico de corpo saudável, limpo e normal, onde o espaço seria esboçado para encorajar as atividades aeróbicas e “saudáveis” deslocamentos a partir de uma geometria guiada pelas posições de centro, periferia, margem e limites, o que possibilitaria com que as pessoas que se movessem pelo espaço urbano se sentissem mais confiantes e encorajadas. Como afirma o autor, a respeito da construção de um sujeito (masculino) moderno e racional:

[...] dados os preconceitos sobre a irracionalidade das mulheres, a necessidade de imaginar uma figura universal apontava idealmente para *um homem*. Procurariam por um sujeito neutro; alguém capaz de subordinar paixões e interesses individuais à regra da razão. Somente os corpos masculinos preenchiam as exigências desse padrão cheio de subjetividade. (SENNETT, 2008. p.291).

Essa representação de modernidade tem como marco o Iluminismo, que tendo como ferramenta o uso da razão, se dizia libertador dos homens, das amarras das antigas tradições e privilégios feudais, mas, como bem sabemos, na verdade reflete desejos e ambições bastante situados: liberdade, igualdade e fraternidade para homens, brancos, heterossexuais, ocidentais e detentores de poder econômico. Os *homens de bem*.

Nos dias de hoje, à medida em que a experiência corporal se volta cada vez mais a tecnologias, a espaços urbanos reservados, e a demandas de um capitalismo quente, onde interessam os corpos e seus prazeres, segundo Beatriz Preciado (2010) a arquitetura “funciona como un escenario en el que se teatraliza la identidad masculina.”.

Para a autora, um exemplo pragmático da transformação arquitetônica através dos meios de comunicação no século XX (especificamente no cenário pós Guerra Fria) diz respeito ao Império Playboy, instalado na cultura dos meios de comunicação de massa e na arquitetura do espetáculo, possibilitando a emergência de um novo

discurso sobre o gênero, a sexualidade, a pornografia, o desejo e o espaço público. Preciado afirma que Playboy não apenas se resumia a uma revista de garotas nuas. Tratava-se de um amplo “proyecto arquitectónico-mediático que tenía como objetivo desplazar la casa heterosexual como núcleo de consumo y reproducción proponiendo frente a esta nuevos espacios destinados a la producción de placer y de capital.”. Com isso projetava-se um novo homem moderno urbano.

A arquitetura contemporânea, marcada por espaços urbanos espetacularizados, se desenha em uma espécie de batalha moral, que coloca em questão valores como centralidade, coerência, tempo e lugar, que caracterizavam a tradição moderna. Longe de uma visão totalizante, quando olhamos para as cidades o que se nota são estruturas que desapareceram, que “engoliram” outras ou que tiveram sua função alterada, que são implodidas, que morrem. Desse modo, o deslocamento e a descentralização do lugar destinado ao prazer alteraram não apenas a forma que encaramos o espaço público, mas também os modos que o ocupamos e vivenciamos, assim como afetos e as formas de produção de prazer que criamos sobre ele, o que por sua vez abalou a ordem espacial heteronormativa.

José Guilherme Cantor Magnani (2002), no artigo *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*, pontua que prevalecem os estudos sobre a cidade que valorizam essencialmente a atuação de grandes atores sociais (como as “forças econômicas” e os políticos), enquanto invisibilizam a de outros/as, como de seus/suas próprios/as moradores/as. Sob essa ótica, a cidade é pensada como orientada por tais forças, praticamente impossíveis de serem contestadas e subvertidas, enquanto seus/as usuários e usuárias são ora vistos como vítimas da situação, ora, mais raramente, postos como atuantes dentro de determinadas organizações políticas.

Magnani propõe um outro olhar: diz que é nas ações cotidianas, nas redes de sociabilidade tecidas, nos estilos de vida e na maneira como os/as moradores/as vivenciam a cidade que está o caminho para a antropologia urbana. Como aponta o autor: “Há uma gama de práticas que não são visíveis na chave da leitura política (ao menos de uma certa visão política): é justamente essa dimensão que a etnografia ajuda a resgatar. (MAGNANI, 2002, p.15). Uma etnografia *de perto e de dentro*, diz Magnani, que possa captar as diversas formas de sociabilidade, de ações, que reconheça os e as habitantes da cidade como sujeitos ativos em suas vidas e na própria construção e transformação da cidade.

Em meio a reflexões contemporâneas sobre estudos pós-gênero – que rompem com a compreensão do sexo como algo anterior a cultura e prévio ao sujeito - e de análises que apontam para a “complexidade” de discursos sobre os sujeitos e suas práticas sexuais, assim como uma inclinação aos diálogos críticos ao urbanismo e à arquitetura hegemônica, estas ideias se propõem a pensar como a ideia de cidade em movimento, transformação, setorização e *espetacularização* se relacionam com a reconfiguração e subversão identitária em espaços “públicos” de trânsito e mobilidade. Além disso, questiono como os processos de produção e subversão dos espaços urbanos refletem “novas” configurações e possibilidades, não desenhadas nos *croquis* arquitetônicos.

Entendendo que vivenciamos um momento onde o exemplo já não vale como referência e que os corpos carregam consigo marcas das diversidades, diásporas e movimentações, e também onde as posições de centro vêm sendo cada vez mais questionadas, a partir desta perspectiva me proponho a pensar a relação do corpo com a urbes, tendo em vista que cada vez mais a ordenação da cidade, dos corpos, e da própria identidade está se dissolvendo e ganhando outras formas. Penso que a discussão sobre o corpo se mostra extremamente importante para a compreensão da sua relação com a sexualidade e os espaços urbanos.

Os debates atuais acerca das relações de gênero e sexualidades e antropologia urbana ou arquitetura e urbanismo críticos, colocam em evidência a fragmentação e as negociações dos corpos com os espaços das cidades. O gênero e a sexualidade enquanto marcadores classificatórios e sociais da diferença na experimentação da cidade, além de fomentar olhares, a partir dos discursos e práticas sobre como homens e mulheres são apresentadxs à cidade e como a experimentam, me levam a reconhecer que mesmo com a segregação urbana heteronormativa, setorização e higienização dos espaços urbanos, brechas e fissuras são abertas; a cidade é reapropriada e ressignificada cotidianamente, desorientando a forma que a encaramos e o modo de nos compreendermos nela.

As ruas dos homens-heterossexuais-brancos-trabalhadores são a todo instante atravessadas e vividas por corpos afetados por diversos tipos de agenciamento, corpos compreendidos como potência e lugar de experimentação e criação. Caminhos são traçados para além dos fluxos turísticos, retomados por corpos que se perdem, que constituem um modo sensível e vagabundo de interrogar, através da prática do espaço público, as negociações em jogo entre o corpo e a cidade.

1.1 A profanação da cidade e dos corpos

O *Elogio aos errantes*, esboçado por Paola Berenstein Jacques (2012) me fornece pistas para pensar a cidade escrita para além dos holofotes, dos roteiros turísticos, dos patrimônios e dos cartões postais. Uma cidade opaca, escrita em nossas práticas culturais censuradas, em experiências erráticas partilhadas no sensível, no imaterial, no intraduzível, às “escondidas”.

Construídos sobre alicerces hegemônicos – tais como razão, unidade, identidade, estrutura e ordem –, os discursos sobre a arquitetura e urbanismo são neste momento colocados em questão. As reflexões propostas por Pasqualino Magnavita (2008) e Paola Jacques (2012), partem da valorização das práticas errantes urbanas para uma concepção de arquitetura e urbanismo que se trace pela multiplicidade e pela diferença, e não enquanto totalidade.

Narrativas exploradas por Jacques colocam em evidência o quanto as experimentações ordinárias pela cidade e os seus meios “de transmissão e compartilhamento, podem operar como potente desestabilizador de algumas das partilhas hegemônicas do sensível, e, sobretudo, das atuais configurações anestesiadas dos desejos.”.

Outro autor que traz a questão das práticas ordinárias ao pensar o cotidiano urbano, é Michel de Certeau (1996). Para ele, esses praticantes são os que por meio de suas práticas pela cidade, fazem brotar discursos dissonantes que provocam dissensos e questionam o planejamento e a construção da cidade de forma crítica, tornando evidente, assim, os conflitos inerentes aos espaços públicos e a relação do corpo com a cidade. Para esta discussão, o autor debruça atenção sobre a *Invenção do cotidiano*, dizendo que “a vida urbana deixa sempre mais remontar àquilo que o projeto urbanístico dela excluía. A linguagem do poder se ‘urbaniza’, mas a cidade se vê entregue a movimentos contraditórios que se compensam e se combinam fora do poder panóptico”.

Em uma detalhada descrição do policiamento urbano quando se declarava a peste em uma cidade no final do século XVII, Foucault (2008) apresenta o seu funcionamento: uma ideia de inspeção constante, permanente, e que proporcionava um registro extensivo e detalhado de tudo que ocorria no cotidiano vigiado e controlado. Era um registro do patológico (ou a partir dele), registro constante e centralizado, que em seu conjunto, constituía um modelo de dispositivo disciplinar, que respondia a peste com ordem e punição, tendo como

função desfazer a confusão da doença que se transmite quando os corpos se misturam e se contaminam.

Esse dispositivo disciplinar dita a cada um/a seu lugar, seu corpo, sua doença e sua morte. A cidade doente, atravessada inteira pela vigilância, hierarquia e documentação, é imobilizada no funcionamento de um poder extensivo que age de maneira diversa sobre todos os corpos: é a utopia da cidade perfeitamente governada, onde o exílio dx doente expressa, antes de tudo, o exercício do poder disciplinar.

Segundo Michel Foucault (2008), o *Panóptico de Bentham* deve ser compreendido, a partir de sua arquitetura, como uma maneira de definir as relações de poder com a vida cotidiana dos corpos. Consiste em uma arquitetura do poder disciplinar, que poderia ser utilizada em escolas, prisões, hospitais e todas instituições; uma espécie de mecanismo pelo qual o poder adquire sua força máxima. No modelo panóptico, a vigilância é exercida de forma que o corpo vigiado não sabe se está ou não sendo mirado, sabe apenas que esta possibilidade é constante:

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. (FOUCAULT: 2008, p.190).

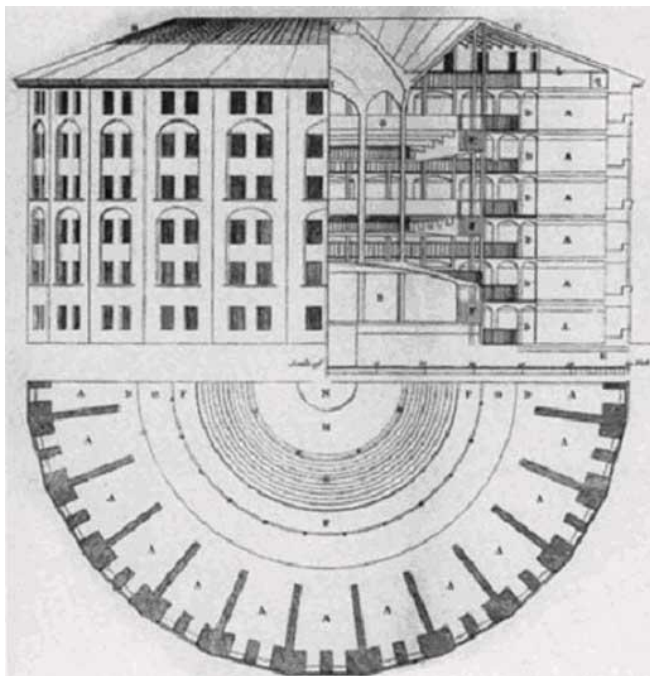


Figura 2 – Planta do Panopticon de Bentham

A disciplina está em luta contra os contágios e, para isso, é preciso separar os corpos. Evitar que se contaminem. As cidades doentes são a realização dos dispositivos disciplinares, pois permitem o uso de todos os mecanismos possíveis para ordenar os corpos, justificados pela existência da doença e do discurso médico.

Michel De Certeau (1996), em outra direção, volta atenção à sociedade indisciplinada, escrita nas “práticas, usos, astúcias e táticas cotidianas que desviam, alteram ou jogam com os mecanismos autoritários da disciplina”. Em *busca de micro-resistências urbanas*, Paola Jacques (2010) parte da análise de zonas de tensão na cidade. A autora entende a complexa relação entre corpo e cidade como um dos caminhos para a busca por “usos cotidianos da cidade que contrariam os usos que foram planejados” para espaços urbanos marcados por processos contemporâneos de espetacularização e pacificação. Para Jacques (2012) a espetacularização urbana:

[...] está diretamente relacionado com a pacificação do espaço público, [e] através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços e, assim, procura esterilizar a própria esfera pública, o que, evidentemente, esterilizaria qualquer experiência e, em particular, a experiência da alteridade nas cidades. (JACQUES: 2012, p. 14)

O conceito de *corpografia urbana* experimentado pela autora em sua análise sobre a experiência corporal das cidades, recompõe “o registro de experiências corporais da cidade que ficam inscritas no corpo de quem as experimentam”. Pensa uma configuração mútua entre corpo e cidade, em que, “além dos corpos ficarem inscritos nas cidades, as cidades ficam inscritas e configuram nossos corpos”, possibilitando um olhar sobre a cidade construída, modificada e apropriada por seus usuários e usuárias. Uma espécie de cartografia corporal, que compreende as experiências urbanas inscritas no corpo, em seus percursos e caminhos, levando em conta as diferentes escalas de tempo e lugar.

Através da *corpografia*, Jacques (2010) busca lançar olhos atentos às corporalidades que subvertem e cruzam os caminhos da cidade espetacularizada, podendo ser pensadas como fontes de micro-resistências à arquitetura e ao urbanismo que se colocam como sinônimo de forma e intermediada pela lógica do espetáculo e do capital, desconsiderando o movimento, os ritmos e fluxos, os corpos que transitam e criam atalhos, a curiosidade e a pulsante possibilidade de experimentação do corpo e do lugar.

Inspirado pelas narrativas que atentam para a *errância urbana* como crítica a cidade contemporânea, trago para a discussão sobre a profanação das ruas a figura do *flâneur* nas vozes de errantes a partir de suas próprias experiências vivenciadas no corpo-cidade por meio de experimentações com o sensível: Baudelaire (1821 – 1867), poeta e teórico francês, que em suas narrativas pessoais e explícitas, questionava o planejamento e a construção da cidade e denunciava a demolição de bairros em palavras críticas à reforma e transformação urbana parisiense de meados do século XIX (JACQUES: 2012) -, e Walter Benjamim, que também teceu um olhar errático sobre a cidade a partir de sua experiência, narrando, por exemplo, a *História de um fumador de haxixe* pelas ruas de Marselha, na França.

Ambos os autores, e também o instigante olhar de Paola Jacques, me permitem pensar a investigação da cidade pelo *flâneur*, que recriado em Baudelaire, expressa uma mistura de fascínio e reação ao processo de modernização da urbe, causando o embaralhar de sentidos no contato com a multidão, “um estado de choque, que pode ser resumido como uma experiência da alteridade radical da cidade.” (JACQUES: 2012). Diz ainda, que o:

flâneur de Charles Baudelaire era aquele que não se protegia psicologicamente; justo ao contrário, buscava o choque, buscava a experiência do choque como Outro, com os vários outros anônimos, a embriaguez da multidão, a relação entre anonimato e alteridade, que constitui o próprio espaço público metropolitano. Mais ainda do que isso, o *flâneur* se distinguia por sua enorme potência crítica (JACQUES: 2012, p. 51)

Segundo Jacques (2012), é sabido que antes de Baudelaire, ainda no século XVIII, Paris já havia sido palco de perambulações e narrada por outros errantes urbanos. Sébastien Mercier, em *Tableau de Paris*, de 1781 e Restif de la Bretonne, em *Les nuits de Paris ou le spectateur nocturne*, de 1788. Também Honoré de Balzac, em *La Ville aux yeux d’or* ou *La comédie humaine*, 1841, e Vitor Hugo, com *Notre Dame de Paris*, de 1831 e *Les Misérables*, de 1862; ou Emile Zola, em *Le ventre de Paris*, em *Les Rougon-Macquart*, de 1873.

Suas narrativas traziam notas de suas próprias experiências pela cidade, e abordavam majoritariamente a questão da desigualdade e miséria visíveis nas ruas de Paris, diferente de Baudelaire, que entre os errantes urbanos recriou a “figura mítica do *flâneur*” em seu caminhar poético:

A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é *desposar a multidão*. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos

independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente. O observador é um *príncipe* que frui por toda parte o fato de estar incógnito. (Charles Baudelaire, O pintor da vida moderna, original de 1863, publicado no jornal *Le Figaro* – *apud* Jacques, 2012).

O corpo *flâneur* em contato com a multidão se apresenta, assim, como um leque aberto de experiências e possibilidades, que se fazem nos caminhos percorridos no corpo e na cidade, no “se perder ou se encontrar no meio de desconhecidos, [...] nas esquivas, deslocamentos de ombros, olhares passantes, toques errantes”(JACQUES: 2012). Torna-se possível, então, apreender por meio de registros errantes o espaço urbano a partir de outra perspectiva: crítica à arquitetura e ao urbanismo hegemônico, ao corpo e seus desejos sequestrados, a partir de uma aproximação da cidade guiada pelo sensível, pelo estranhamento, e pela possibilidade de errar.

Por este caminho, sou levado a pensar sobre o modo como os corpos respondem e reagem às regras e estruturas sociais; negociados a partir de experiências sensuais entrelaçadas e marcadas nos espaços urbanos em transformação, me pergunto: qual seria a relação entre a arquitetura dos espaços públicos e dos corpos? Qual a política dos nossos desejos em cenários espetacularizados, pacificados, higienizados e subvertidos? O que se espera dos corpos nestes espaços? Em que lugares a construção das subjetividades sexuais estaria presente em um projeto urbano que segue e expressa a lógica espetacular e opressiva das cidades e do capital?

Estamos diante da possibilidade de pensar as potencialidades do contágio, da mistura, da deformação de corpos e ruas, que fazem abalar estruturas identitárias relacionadas ao gênero e as sexualidades, abrindo espaço a formas outras de criação de prazeres.

No *Ensaio de uma heterotopia queer*, Fernando Pocahy (2006) discorre sobre uma *Pesquisa fora do armário*. Profissional da saúde, pesquisador e militante do *Nuances* – grupo pela livre expressão sexual - de Porto Alegre RS, o autor narra as experiências estratégicas de intervenções urbanas que abordam de forma lúdica a diversidade das formas de expressão das sexualidades e do gênero.

Como mostra Pocahy, em grupo, por meio de uma pesquisa-intervenção, foi possível a criação de um espaço que fomentasse a ampliação de reflexões e ações que denunciavam as violências contra

sexualidades não normativas e hegemônicas, buscando “transformar as condições de vulnerabilidade a partir da problematização e ressignificação da posição de abjeto.” (POCAHY: 2006, p. 103).

A ocupação do Mercado Público de Porto Alegre para encontros do *Nuances* foi relatada por Pocahy, que chama atenção para a potência desse exercício de estranhamento com a cidade e os contatos e misturas promovidos pela intensa circulação dos corpos. Trata-se de experimentação política, visando a ampliação da liberdade “pela via da invenção de nós mesmos”.

Ao narrar os caminhos percorridos, acompanhado pela equipe da sede do Grupo Nuances até o Mercado Público, diz: “percebi-senti os olhares que apontavam nossas “diferenças”, interpelando-nos. Mas não sem resposta. O andar se fazia ainda mais altivo e o corpo solto, brincando com gestos que não se escolhiam. Gente que não mais se intimida” (POCAHY: 2006, p. 102 -103).

Para Pocahy, *o direito de cidade e a constituição de espaços outros*, reflete a possibilidade de ampliação do espaço de ação e reflexão. Uma cidade ocupada por corpos antes destinados apenas à “zonas inóspitas”, às frestas e a lugares distantes da vigilância heteronormal. *Bichas, travas, sapas e queers*, estranhxs que *escapam a norma* circulando pela cidade. “A cidade pode ser reparada, mas parece que ela não é para todos e todas. Ocupar/habitar a cidade significa existir no mundo, do modo como é possível, como se queira experimentar...” (POCOHY: 2006, p. 118), diz o autor.

Falar sobre direito à circular na cidade é necessariamente falar sobre o direito ao uso e representação social de corpos diferentes e vice-versa. Poder praticá-la sem que sejam cobrados pedágios e limites sejam impostos a partir das marcas presentes em nossos corpos. Sem que a sacralização dos espaços urbanos e dos corpos se sobreponha ao prazer de experimentar, de errar, de arquitetar a cidade e o corpo pela prática, pelo movimento, pelo abalo de estruturas e pela deformação.

2 Alguns ecos do parque, algumas notas de campo

"Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte dessa gente
que pensa que a rua
é a parte principal da cidade."

Leminski; *Toda Poesia* ; 2013 - [quarenta cliques em
Curitiba; 1976]

Subjetividade e experimentações metodológicas

A antropóloga Miriam Pillar Grossi (1992) nos leva a refletir sobre as questões subjetivas que atravessam as relações em campo. Ao mesmo tempo em que estamos tragando o outro, também somos tragados, experimentando uma “viagem antropológica” pré-discursivamente marcada por recomendáveis manuais, regras e códigos de conduta para lidar com o que instituímos como “outro”.

A autora, ao repensar a experiência em campo a partir da subjetividade do/a antropólogo/a, discute o exercício do Trabalho de Campo pondo em questão a relação do/a pesquisador/a com seu objeto de estudo, uma preocupação até então recente da Antropologia, que colocava estes debates em posição periférica. Propõe, deste modo, analisar estas interações tomando como pressuposto a relação entre o antropólogo e seus informantes-colaboradores em campo como central na elaboração de etnografias, conceitos e teorias na área antropológica. Ou seja, “pensar a diferença na interpretação como inerente à própria relação subjetiva que vai marcar indelevelmente cada Trabalho de Campo, experiência marcada pela biografia individual de cada pesquisador.” (GROSSI: 1992; p.8)

Os debates metodológicos e a auto-reflexão sempre existiram na Antropologia, no entanto, os espelhos estavam voltados para os “exóticos e selvagens nativos”, não para nós mesmos/as e nossas práticas, estratégicas e afetos tecidos em campo. Para Grossi:

[...] a revalorização da experiência subjetiva do contato com o outro me parece estar profundamente ligada ao questionamento dos

paradigmas da Antropologia feita tanto pelos Pós-Modernos quanto por algumas antropólogas feministas, que se propõem a repensar a relação sujeito/objeto a partir da ótica das relações de gênero (GROSSI: 1992; p.10).

A problematização da subjetividade na prática antropológica a partir dos conflitos vividos em campo ligados à corporalidade e sexualidade já começava a ser questionada por antropólogas como Margareth Mead e Ruth Benedict, que serão, inclusive, pioneiras a refletir sobre as culturas não só a partir do ponto de vista dos homens, mas também das mulheres, como nos conta Miriam Grossi, que diz ainda, em diálogo com Marilyn Strathern, que as mulheres trouxeram para a Antropologia as questões ligadas à subjetividade nas relação sujeito/objeto “por suas próprias “implicações” enquanto mulheres estudando mulheres, possibilitando a “emergência do subjetivo” no Trabalho de Campo”(GROSSI: 1992; p.11) e novas maneiras de pesquisar o “outro” e de se compreender neste processo.

Ora, mas se sabemos que não há um acordo para tratar as questões subjetivas na Antropologia, e nem para impor limites ao acesso ao corpo do outro e saber os caminhos que seguirão e guiarão o contato do outro conosco, a partir do momento em que a “busca pelo nativo” deixa de refletir o olhar opressor e colonizador do Homem envolto ao seu sistema heteropolítico, fazendo com que sejam questionados os valores etnocêntricos, androcêntricos e heterossexistas que estruturaram a Antropologia enquanto ciência, estamos, então, a criar e experimentar outras possibilidades de olhar e descrever o que estamos observando e vivenciando. Segundo Miriam Grossi, “cada caminho reflete a forma individual e subjetiva do encontro de si mesmo a partir do encontro com o outro.” (p.16). *Na busca do “outro”, encontra-se a “si mesmo”*.

Essa “viagem”, muitas vezes nos faz experimentar outras sensações, translúcidas, multidirecionadas, intraduzíveis, diga-se de passagem. Em campo, experimentamos o tempo do outro, nos alimentamos de novos temperos, nos tornamos aprendizes de boxe (Loïc Wacquant, 2002), adentramos em *cafés* e clubes de sexo (Miguel Vale da Almeida, 1995 e Camilo Braz, 2010), buscamos decifrar novas línguas e novos movimentos morando e indo para rua com as travestis de Salvador (Kulik, 2008), novas formas de encarar a aproximação e a partilha sem objeto. Sem espelhos a serem trocados. Alteramos as percepções e nos encontramos, então, no/a outro/a. O eu habitado por um corpo racional se desloca desnordeado por entre outros corpos; o eu,

agora, encarado como multidão, como potência, como contaminação pelo contato com o outro.

De encontro às ideias de Miriam Grossi, *À meia-luz*, Camilo Braz (2010) narra *uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*, e traz contribuições muito enriquecedoras sobre os percursos teóricos, etnográficos e metodológicos experimentados em sua pesquisa. Trago suas reflexões para elucidar o método de observação direta em contextos de interação sexual, um debate ainda tímido na Antropologia.

É certo que as questões relativas ao sexo não são novidade nem tabu na Antropologia. Malinowski, em 1929 relatou a vida sexual selvagem nas ilhas Trobriand, e Margaret Mead, em *Sexo e Temperamento*, publicado pela primeira vez em 1935, já questionava a universalidade masculina e feminina ao etnografar o comportamento sexual de povos primitivos da Nova Guiné.

No entanto, o que é “novo”, aqui, é o estudo da própria sexualidade dos e das antropólogos/as e da possibilidade de experiência erótico-sexual em campo. Encarar a corporalidade do pesquisador como objeto de reflexão e colocá-la como instrumento de coleta de dados, possibilitando a emergência de questões que reflitam em que medida isso pode contribuir metodologicamente à Antropologia contemporânea.

Camilo Braz (2010), parte da constatação de que a maioria das pesquisas sobre sexualidades realizadas no Brasil “tem como base metodológica entrevistas, conversas e questionários”.

Ao se deparar com “situações permeadas pelo desejo” em campo, o autor abre campo reflexivo para um recente debate sobre a proibição prescrita do envolvimento afetivo-sexual em campo e ao incômodo silêncio da disciplina em torno desta questão, que ignora as indagações atuais a respeito das implicações teórico-metodológicas e possibilidades interpretativas a partir de envolvimento “mais íntimos” ou “além dos limites” em campo.

Pondo em xeque algumas premissas antropológicas, Braz (2010), ao criticar a neutralidade científica e o distanciamento etnográfico (como propunham os estudos feministas desde os anos 70) entende que deve-se ampliar a noção de “consensualidade” ao/à pesquisador/a, onde a escolha de se fazer ou não sexo em campo é algo que passa pela decisão individual do ou da antropóloga:

É possível construir interpretações antropológicas de situações erótico-sexuais praticando sexo ou não, desde que nossa presença em campo, ou a maneira como somos nele materializados/as por

nossos/as colaboradores, não permaneça invisíveis no nosso texto. (BRAZ: 2010; p.43)

Entendendo que durante a pesquisa é preciso ampliar as possibilidades e os caminhos que guiam nosso olhar e as formas que enxergamos o “outro” e ponderar o que vamos conseguir extrair da observação e da contaminação, assim como o que estamos aprendendo com o movimento, reconheço que também estou socialmente posicionado e que meu olhar traz o recorte das realidades que vivo e das questões que atravessam meu corpo e se refletem em campo.

Adriano de León (2012) aproxima a *Teoria Queer* e as tendências anarquistas contemporâneas. Em seu artigo *Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarco queer*, questiona a base heteronormativa que serve de suporte para a maioria das metodologias e conceitos utilizados nas Ciências Sociais. A estrutura da norma hetero-viril faz com que a heterossexualidade seja descrita como natural, estável e normal. Em oposição a essa matriz heterossexual como organizadora da vida social e dos discursos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero, emerge no fim dos anos 1980, nos Estados Unidos, a Teoria Queer.

Na perspectiva da antropologia urbana, por meio da observação participante e de método etnográfico, busquei captar fragmentos do processo dos exercícios e dos discursos em trânsito no espaço estudado, assim como analisei aspectos direcionados à desconstrução de discursos da normalização dos corpos e do próprio juízo moral que transpassa a construção destes. Desse modo, Foucault (1971) afirma que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos.” (FOUCAULT: 1971; p.2)

A proposta metodológica *anarcoqueer* coloca em xeque os tradicionais meios de investigação criados pelas Ciências Sociais. No emprego desta metodologia, deve-se partir do pressuposto de que as identidades não são fixas, e sim múltiplas, fluidas e circunstanciais, o que implica uma análise a partir das bordas, das fronteiras, das negociações e dos conflitos, permitindo que as categorias apareçam de forma provisória, contraditória, no silêncio e às escuras. Esta metodologia lida com “fluxos desejantes”, por isso abre espaço ao acaso e ao inusitado. A desconstrução das categorias sexuais, de gênero

e sexualidade neste percurso metodológico, abre espaço para que se trace um mapa “a partir de rastros e visão do investigador e seus mitos e medos. Uma poética do delírio do real.” (DE LEÓN: 2012; p.233), onde o que importa não é o início ou o fim, sim os caminhos e os processos.

2.1 (Des)mapeamento do campo

A narrativa benjaminiana sobre o caminhar pela cidade como experiência através de Baudelaire, recompõe um percurso sobreposto, não exato, não fixado a um olhar conexo temporal e espacialmente.

O urbano analisado em suas dimensões materiais e simbólicas e narrado através de uma ótica orientada pela *montagem* – uma narrativa poética do histórico – sugerido pelas *Passagens* parisienses de Walter Benjamin (2006), fornece um posicionamento crítico a respeito da linearidade do curso da história e contrário ao seu caráter *continuun* ligado ao progresso.

Apreender o espaço urbano, ou a cidade e seus territórios métricos, funcionais e opressivos a partir de um parque, me faz arriscar um olhar a respeito do que representa o lugar estudado no contexto de um ambiente de transgressões do corpo e da cidade.

O parque, entendido como lugar de ruptura do tempo e da espacialidade do corpo e do urbano guiados por monumentais relógios estrategicamente posicionados, e para além de um discurso de apelo a natureza, ao lazer e ao bem estar proporcionado por uma vida rodeada de verde e por isso menos estressante, menos cinza, menos urbana, pode ser encarado como um lugar que existe em seu devir circunstancial e experimental, onde regras são rompidas, negociadas, transformadas e postas em questão.

Neste sentido, será que o parque não constitui-se como um “espaço vazio” e por isso mesmo mais interessante de ser ocupado livremente, subvertido e experimentado justamente pela tentativa de fuga das marcas das arquiteturas fixas/controladas/opressivas dos espaços públicos urbanos sobre os corpos?

O “vazio” enquanto *locus* de vivências e experimentações do/no corpo-cidade convertidos em potentes destabilizadores de convenções urbanas que exprimem um ideal de funcionalidade e racionalidade aos espaços e aos corpos se mostra como um dado relevante para compreensão das contraditórias formas de fazer o meio urbano,

atentando aos processos de revitalização e embelezamento estratégico do espaço urbano, consumo da cidade, lugares praticados, etc.

As marcas deixadas nos rastros que compõem os “vazios” que encontrei no parque servem como impulso para uma compreensão do lugar apreendido a partir de um palimpsesto de rastros captados pela alquimia do campo, como na proposta metodológica *anarcoqueer* (DE LEÓN: 2012)



Figura 3 - Ruínas da Piscina de Ondas³ do Parque da Cidade.
Fonte: Internet

³ Inaugurada em 1978, a “praia do cerrado” teve o auge de seu funcionamento durante as décadas de 1980 e 1990.



Figura 4 - Um dos vestiários que fazia parte da área da Piscina de Ondas. Fonte: Internet. (Disponível em: <<http://www.lugaresesquecidos.com.br/2011/02/piscina-com-ondas-do-parque-da.html>>).

Pelo chão da *Floresta dos Susurros* e dos estacionamentos em questão, *preservativos* aparentemente masculinos fornecem pistas sobre a ocupação daqueles lugares. A grande circulação de homens gays na área estudada, seja dispersa ao longo do dia e da noite ou nas circunstanciais aglomerações sexuais, aponta para um olhar sobre a

dimensão das expressões afetivas errantes no urbano experimentado; arquitetado justamente pela prática, no (ar)risca, ocupar e deformar do “vazio”.

Embarco no ônibus na W3 Norte em direção ao Parque da Cidade. Aproximadamente 18:00h. Como ainda estávamos no horário de verão, o sol refletia a paisagem alaranjada da seca do cerrado. Já havia homens circulando pela floresta. Havia também muitos carros circulando pelos estacionamentos da pegação. Todos com os faróis desligados. Na medida em que a noite se aproximava, notei que naqueles estacionamentos os faróis se mantinham apagados mesmo com os carros em circulação. Eram poucos os carros que circulavam acesos. [...] A movimentação de carros estacionando no ‘bate-bate’ e homens descendo e indo em direção ao bosque era intensa. Homens de bermuda e camisa, homens de chinelo, homens de roupa social, homens de mochila, ciclistas, homens de jeans e camisa. [...] No bosque, já escuro, é como se a única coisa que importasse naquele momento fosse “gozar para logo ir embora”. O que se via era uma grande quantidade de corpos/silhueta circulando por entre as árvores. Já não era possível ver a quantidade de preservativos “usados” jogados pelo chão, visíveis aos montes à luz do dia.” (diário de campo, 26 de janeiro de 2012).

A filósofa Beatriz Preciado (2010), emprega o termo “pornotopia” para compreender lugares com a capacidade de estabelecer relações entre “*spacio, sexualidade, placer y tecnologia (audiovisual, bioquímica etc), alterando las convenciones sexuales o de género y produciendo la subjetividade sexual como um derivado de sus operaciones espaciales*”. (PRECIADO: 2010; p.120). A partir desta reflexão, a respeito de um contexto de interação em que homens subvertem as normas da heterossexualidade em suas práticas sexuais que se desenrolam em espaços públicos, o proposta da pesquisa é analisar o gênero e a sexualidade enquanto diferencias na experiência urbana, compreendendo esses espaços onde ocorrem essas interações, aqui, no sentido de permitir encontros sexuais e interferir na subjetividade sexual dos corpos em cenários entendidos como

controlados por instituições que validam e legitimam valores higienistas e normativos.

O parque

No segundo semestre de 2011 fui contemplado pelo Programa ANDIFES de Mobilidade Acadêmica a cursar um ano de minha graduação na Universidade de Brasília – UnB, onde iniciei, orientado pela Prf^a Dr^a Lia Zanotta Machado, as saídas de campo para este que viria a ser meu Trabalho de Conclusão de Curso no retorno à UFSC.

Na região central de Brasília-DF está localizado o Parque da Cidade Sarah Kubitscheck, ou simplesmente Parque da Cidade, tradicional ponto de lazer e alegado patrimônio da população local. Ocupando uma área de mais de 4 milhões de metros quadrados, o parque possui diversos atrativos espalhados por toda sua extensão, como circuito de caminhada e ciclismo, lagos artificiais, parques de diversões, quadras desportivas, churrasqueiras, centro hípico, cartódromo, bares, pistas de skate e um dos maiores pavilhões de exposições do país. A maneira mais comum de se referenciar esses pontos de encontro é fazê-lo a partir de 13 estacionamentos, os quais são acessíveis pela pista circular única que corta as bordas do parque e dá acesso as suas diversas entradas e saídas. Os estacionamentos em si também são pontos de encontro, alguns deles *locus* de interações bastante peculiares.

No estacionamento 8, por exemplo, conhecido como “*Gibão*” (em referência a um bar próximo), são comuns as reuniões noturnas de jovens homossexuais, que ali ouvem música do aparelho de som de seus carros, bebem, conversam, fumam, flertam, etc. Já no estacionamento número 4, o estacionamento do “*kart*”, todas as quintas e domingos de céu desnublado reúnem-se, ao encerramento das atividades do bar Barulho (por volta de 23h:30), jovens homossexuais que aproveitam um pouco mais de tempo com os demais frequentadores antes do fechamento do estacionamento, ou “antes que saia o corujão” (ônibus com saída de madrugada da rodoviária central do Plano Piloto de Brasília).

O estacionamento que interessa ao meu estudo, no entanto, é outro. Na verdade, um conjunto de três estacionamentos nos quais, seja dia ou noite, homens se encontram para fazer sexo com outros homens. Certamente no “*Gibão*” ou no “*Kart*” há encontros cujo objetivo é o mesmo. No entanto, de maneira geral, isto talvez seja apenas consequência dos tipos de interação que se dão ali. No “*Bate-bate*” (em

referência ao estacionamento onde os carros circulam e se embaralham, como no bate-bate dos parques de diversões) e na “*Floresta dos Sussurros*”, imagino que o sexo seja o começo e o fim para quase todos os frequentadores. Os encontros são muito pragmáticos nesse sentido: dois carros se aproximam em baixa velocidade. Com o vidro aberto ou entreaberto, os ocupantes se avaliam; se algum deles se interessa, pergunta ao outro o que ele *curte*. Em caso de sucesso, ambos seguem para o bosque adjacente (a Floresta dos Sussurros) ou – o que é mais comum – um deles entra no carro do outro, fazem sexo e depois cada um segue seu caminho. Caso não haja interesse de alguma das partes, ambos seguem à procura de outro(s) parceiro(s). Outra atividade comum é estacionarem o carro na beira do bosque e andar por entre as árvores procurando parceiros. Alguns se masturbam, outros observam casais em ação. Sexo grupal entre homens que vão se aproximando e sendo aceitos não é raro de se ver. Mas a atividade mais comumente observada é mesmo andarem aparentemente “ao acaso” entre as árvores, abordarem outro homem, fazerem sexo e irem embora.

Em dezembro de 2010 foi realizada uma reportagem por uma emissora de televisão local (DF-TV) sobre os encontros que ocorrem nos estacionamentos que interessam meus estudos. Um de meus interlocutores relatou que na época, logo após a reportagem foi observado e sentido uma notável mudança na dinâmica desses estacionamentos.

Primeiramente, a administração do Parque da Cidade passou a bloquear a entrada de todos os estacionamentos após a meia-noite, alegando publicamente ser uma medida de segurança. Isso causou uma desconcentração de frequentadores do “bate-bate”, que segundo relatos, passaram a ocupar também os dois estacionamentos vizinhos (conforme sua disponibilidade), uma vez que a medida de bloqueio das entradas nem sempre se aplicava de fato a todos os estacionamentos. Como resultado, os usuários do lugar passaram a não mais ter um ponto de encontro regular, e hoje, mesmo quando os três estacionamentos estão com acesso livre, há frequentadores espalhados por dois ou três deles.

Se anteriormente à veiculação da reportagem era possível encontrar em plena madrugada de sábado um verdadeiro congestionamento no “bate-bate”, hoje, mais de um ano depois, parece que o número não chega a compor um terço do que foi observado na reportagem, ainda que aparentemente esse número esteja voltado a crescer timidamente, como foi me relatado em uma das idas a campo. (diário de campo – maio de 2012)

Um ponto que se torna relevante lançar olhos atentos e que também observei em meu estudo, é o fato das interações que ocorrem nesses estacionamentos serem apenas entre homens. As expressões de sexualidades fixadas de formas diferentes aos papéis atribuídos aos gêneros em nossa cultura, e também as assimetrias políticas entre os gêneros, fazem parecer impensável a existência de mulheres “dispostas” a circularem entre carros de “estranhos” à procura de uma relação sexual muito pontual.

Tendo como pressuposto que as vivências e interações em lugares como os estacionamentos do Parque da Cidade só são possível entre homens e, portanto, ocorrem orientadas pelas masculinidades, é possível lançar uma reflexão acerca do fato de que essas mesmas vivências desmantelam e embaralham o que é provavelmente a característica mais “elementar” da masculinidade – a heterossexualidade.

O contato inicial com o campo me permitiu explorar e observar a respeito de um contexto de interação em que homens subvertem as normas da heterossexualidade em suas práticas sexuais. Essas vivências “fora do lugar” podem vir a provocar novas imagens simbólicas relacionadas à masculinidade.

Não pretendi e não me arrisquei apreender o perfil dos homens que frequentam esses estacionamentos. Talvez a assiduidade dos diversos usuários não seja contínua, posto que alguns vão uma vez e provavelmente jamais retornam, enquanto outros provavelmente fazem um uso regular do espaço.

Entendo não ser possível levantar os detalhes a respeito das práticas e desejos desses homens fora do contexto dos estacionamentos do Parque da Cidade. Não poderia haver precisão se esses homens se categorizariam e se distribuiriam em etiquetas como gays, enrustidos, bissexuais, bichas ou heterossexuais convictos. É certo que alguns desses homens, talvez mesmo a maior parte deles, sejam homossexuais assumidos publicamente ou em determinados ciclos. Talvez falem abertamente com algumas pessoas sobre as relações sexuais que mantêm ali, contudo, me parece que nesses estacionamentos as relações sexuais entre homens não são apenas pontuais, como também, em algum grau, secretas.

Nestes arranjos interativos, as afetividades urbanas nos circuitos dos estacionamentos me ofereceram algumas inquietações e propuseram a discussão sobre o corpo e a cidade, dando atenção ao gênero e a sexualidade enquanto marcadores sociais da diferença na experimentação da cidade. Com isso, me pergunto ainda se em alguma medida as experiências do corpo na urbes – especificamente no contexto

do Parque da Cidade – refletem “novas” formas de criação e expressão do prazer, levando a transgressões sobre discursos morais a respeito da sexualidade e do espaço.

Questiono ainda se a relação de subversão da cidade e das suas arquiteturas higienistas e hegemônicas, heterocentradas e normativas, não está também relacionadas a um lugar de gênero marcado nas relações entre o público e o privado delimitando lugares no processo de construção e experimentação da cidade.

2.2 Sobre as identidades masculinas

Os estudos sócio-antropológicos referência sobre homossexualidades no Brasil recompõem as trajetórias acadêmicas e ideias traçadas por Peter Fry, Néstor Perlongher e Camilo Braz a partir de pesquisas etnográficas realizadas no Departamento de Antropologia Social da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) desde finais da década de 1970.

Em *Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil*, publicado na coletânea *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*, Peter Fry (1982) além de considerar a construção histórica da homossexualidade (antes nomeada como homossexualismo) em meio a discursos legitimados pela medicina e psicologia moderna, que se basearam em noções civilizatórias sanitaristas pondo o que foge aos seus padrões de normalidade e saúde em quarentena, reflete também sobre a dimensão política do sistema de classificação identitária.

Suas discussões sobre a homossexualidade partem de sistemas de classificação de práticas sexuais, que segundo o autor não devem ser tomados como representação de uma essência ou natureza do sujeito, e sim enquanto construções históricas e sociais, onde seus sistemas representativos variam entre culturas, tendências e momentos históricos.

A análise do sistema de classificação esquematizado por Fry (1982) permite pensar a sexualidade masculina por algumas variantes: sexo fisiológico, papéis de gênero, comportamento sexual (ativo/passivo) e “orientação sexual” (hetero, homo ou bissexual).

As pesquisas de campo realizadas com camadas mais baixas e populares de Belém e com camadas médias de centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, apontavam para representações distintas

acerca da homossexualidade. Com isso, o autor elabora duas tabelas para classificá-las e diferenciá-las:

Tabela 1 - “Homens” e “bichas”: Sistema A

<i>Identidade</i>	<i>Homem</i>	<i>Bicha</i>
1. [sexo fisiológico]	Macho	Macho
2. [papel de gênero]	Masculino	Feminino
3. [comportamento sexual]	Ativo	Passivo
4. [orientação sexual]	hetero e homossexual	Homossexual

Referente às representações encontradas nas camadas mais baixas e do interior do país. (p.91)

Nota-se que na tabela acima o autor aponta para um sistema hierárquico que “espera que o “homem normal” seja do sexo masculino, que desempenhe o papel de gênero masculino, que seja “ativo” sexualmente e que tenha uma orientação sexual heterossexual” (p. 91), o que aponta pra uma construção da homossexualidade baseada em alicerces de dominação, em que a relação afetivo-sexual não se desenrola entre iguais: “homens”, ativos, empoderados e dominadores contra as “bichas”, inferiores, passivas a serem penetradas e dominadas. É como se o “homem” pudesse se envolver sexualmente com outro macho–“bicha” sem ter seu *status* de homem abalado.

Coexistente ao sistema de classificação da sexualidade e das identidades sexuais masculinas hegemônicas encontradas em campo na periferia de Belém – oposição *homem X bicha* -, Fry apresenta ainda uma categoria que surge a partir da década de 70 entre a classe média das grandes metrópoles, o “entendido”. Para o autor, paralelo ao processo de consolidação e ascensão da classe média, as relações “entendidas” se baseiam em um sistema simétrico ou igualitário que busca na assimilação da identidade “gay” norte-americana um devir civilizado ao olhar externo, estrangeiro. Os “entendidos”, por sua vez, se relacionam sexualmente com outros “entendidos”, por isso as *gramáticas sexuais* partem de uma classificação simétrica ou igualitária:

Tabela 2 – “Homens” e “entendidos”: Sistema B

<i>Identidade</i>	<i>Homem</i>	<i>Entendido</i>
1. [sexo fisiológico]	Macho	Macho
2. [papel de gênero]	Masculino	masculino feminino
3. [comportamento sexual]	“ativo”	“ativo” “passivo”
4. [orientação sexual]	Heterossexual	Homossexual

Referente a representações encontradas em camadas médias urbanas (p: 93; 1982).

O fato é que as análises e reflexões abertas por antropólogos que desenvolveram suas pesquisas sobre homossexualidades masculinas no Brasil após Fry (como Perlongher e Braz (2010)), por exemplo, nos mostram o quão as categorias para explicar as expressões afetivo-sexuais masculinas se multiplicaram tanto, tornando-se impossível encará-las e enquadrá-las em sistemas classificatórios tabelados e fixos, ou então pensados apenas pelo recorte de classe, ou ainda por teorias importadas/pirateadas sem que fossem devidamente questionadas e que ainda sustentam um tipo ideal de homem, e acabam por não dialogar com as realidades da maioria dxs transviadx brasileiraxs.

A partir da leitura do artigo *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*, onde Márcia Arán (2003) lembra que alguns fatores como a crise da família nuclear, que claramente reproduz e legitima a dominação hetero-masculina, a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a desassociação entre sexualidade e reprodução biológica da espécie, e também a luta de homossexuais por políticas de visibilidade colocam em xeque os comportamentos e os modos de existência feminino e masculino, ou ao menos sugeriram novas possibilidades de se pensar cada um deles.

Uma revisão teórica sobre as masculinidades apresentada por Miriam Pillar Grossi (2004) expõe as duas principais correntes teóricas que tem pensado a questão: a pós-estruturalista, que entende o gênero como constituído através do discurso, expresso além das palavras, e que produz significados que orientam a vida em sociedade, e a corrente

teórica estruturalista, que parte de uma concepção de gênero como um dado a partir do corpo biológico sexuado.

A autora chama atenção para o que se tem chamado de “crise de identidade”, reflete o abalo da identidade masculina frente às novas posições e conquistas das mulheres no mundo contemporâneo. Grossi (2004) sugere a categoria “processo de mudança” para reflexão sobre os movimentos e negociações identitárias em que mulheres e homens estão inseridos, e também sobre a multiplicidade de paradigmas de masculinidades coexistentes nos variados contextos sociais brasileiros. Alguns desses “novos” modelos de expressão da masculinidade “se afastam do modelo tradicional de força que definia o homem.”. Para Grossi, “as relações afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo vão trazer modelos inovadores para as práticas afetivas, sexuais e emocionais contemporâneas, não apenas homoeróticas mas também heterossexuais.” (GROSSI: 2004; p.27)

Stuart Hall (2000) no que diz respeito às novas ideias sobre a fragmentação das identidades e as consequências da vida moderna, e mais profundamente sua abordagem teórica no que diz respeito à mudança estrutural identitária e as instabilidades do mundo social, afirma:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo. (HALL, 2000; p.9)

Ao mapear o processo de descentração do “sujeito” racional do Iluminismo e suas mudanças conceituais ao longo da história do desenvolvimento do capitalismo, Hall (2000) mostra o impacto do

feminismo neste caminho do descentramento do sujeito. Seja como crítica teórica ou movimento social, o feminismo pôs em questão as noções de público e privado, as dimensões subjetivas e objetivas da política, e fomentaram debates sobre as identidades sexuais e de gênero.

Connell e Messerschmidt (2013) contribuem pontualmente para esta reflexão com seus estudos sobre a *Masculinidade hegemônica*, que existe na subordinação de todas as formas de feminilidades e masculinidades “subalternas”.

Tais estudos partem do entendimento desta categoria como construção sócio-histórica e começam a ser traçados com os desdobramentos dos estudos sobre a mulher na tradição dos estudos de gênero.

Entendendo que não há, portanto, um único jeito de ser homem e que esta categoria existe na multiplicidade e na contextualização cultural e histórica, xs autorxs mostram que existem hierarquias nestas expressões masculinas corporificadas, que se baseiam em um ideal de *masculinidade hegemônica*, conceito que começa a ser utilizado a partir dos anos 80 com os estudos que colocavam em análise os padrões e práticas masculinas.

Elucidam ainda que a posição hegemônica da masculinidade é sempre disputável, e os homens se tornam cúmplices deste sistema dominante, que, por sua vez, se beneficiam dos privilégios da conservação e preservação deste projeto que valoriza a honra, a violência e a autoridade como referência.

Em meio a compulsórios rituais de masculinização, as posições de centro e privilégios passam a ser questionados em brechas que mostram onde há resistência a este modelo hegemônico, onde a estrutura identitária, até então fixa e estável, é abalada e se desmorona.

Em *Uma interpretação antropológica da masculinidade*, Miguel Vale de Almeida (1995) analisa os efeitos deste sistema hegemônico, que se constrói no autocontrole e na vigilância de qualquer expressão que se afaste do padrão hegemônico, mostrando que no interior deste sistema há relações de subordinação e dominação entre as masculinidades.

A heterossexualidade imposta à masculinidade nas sociedades ocidentais leva o antropólogo a apreender como característica elementar da masculinidade hegemônica a dominação das mulheres e a homofobia.

Toma o feminismo como um marco para o pensamento antropológico, fazendo com que a disciplina se visse diante da inquestionável necessidade de revisitar e reavaliar conceitos e

instrumentos teóricos e metodológicos fornecidos para encararmos a “realidade social”.

Enquanto modelo ideal, a masculinidade hegemônica exerce controle sobre o processo de construção de outras masculinidades, ideal este que nunca será alcançado em sua totalidade.

Nas masculinidades rueras que esbarrei em campo, os códigos que guiam sua construção e produção identitária me parecem passar pelo o que Miguel Vale de Almeida descreveu sobre a sociabilidade masculina na aldeia de Pardais, em Portugal, onde realizou pesquisa de campo, no que diz respeito a uma concepção de identidade que se faz na negação da presença da feminilidade em suas corporalidades e nos espaços, preservando, por mecanismos de afirmação, a fachada masculina tanto do lugar, quanto do corpo e do desejo, além de reproduzir a lógica binária de compreensão e expressão dos corpos e seus prazeres: homem/mulher, hetero/homo, ativo/passivo.

A partir destas reflexões que brotaram de conversas em campo, fui levado a por em questão a identidade masculina hegemônica, tão exaltada nas expressões corporais e em discursos, como por exemplo, quando falávamos sobre o lugar: “*é um lugar só de homens*”, “*mas você tá procurando mulher aqui? (risos)*”, “*venho aqui porque sei que aqui encontro homens*”, “*é engraçado quando aparece uma mulher perdida aqui... com cara de turista.*” (notas de campo ao longo do 1º semestre de 2012)

Se as identidades de gênero e sexualidade se constroem também em suas demarcações e disputas por espaços de poder, mesmo em seu potente caráter subversivo (como no caso do Parque da Cidade), as demarcações identitárias e territoriais baseadas na lógica binária e nas assimetrias políticas entre os gêneros e as sexualidades refletem a negação do corpo da mulher aos espaços e traz para discussão a socialização de homens e mulheres na cultura ocidental.

Homens, criados para serem garanhões, caçadores, desbravadores e traçar caminhos e mapas, enquanto mulheres, destinadas aos espaços domésticos, possíveis caças, são submetidas a privações da cidade e do devir de si mesmas.

A partir dos discursos dos homens que conversei em campo, que refletem suas representações sobre as relações homoeróticas, pude perceber os traços culturais naturalizados sobre os assuntos de sexualidade, que expressam uma visão essencialista sobre a relação da sexualidade com o desejo, ou seja, sugere que há uma verdade e um sentido pairando sobre os corpos: homens como possuidores de uma

sexualidade incontrolável e selvagem, enquanto mulheres ligadas à monogamia, ao controle de seus próprios impulsos sexuais.

A recorrência do lugar hegemônico masculino de privilégio e direito à cidade me faz pensar sobre os corpos que interagi durante a pesquisa: corpos gays preservados pela fachada masculina.

Na “Floresta dos Sussurros”, as masculinidades circulam por entre as árvores. É como se fosse necessário acionar signos da masculinidade para se fazer parte dos tipos de relações que se desenrolam nos estacionamentos e na floresta. E há um esforço da preservação da fachada masculina por parte dos frequentadores: as abordagens são “frias” e pontuais, não há espaço para o cortejo. Como pontuou um de meus informantes, “só fico aqui enquanto tenho tesão, quando o tesão acaba eu vou embora.”. [...] Talvez possa ser pensado como irônico o fato das relações serem de certa forma orientada por uma imagem e valores ‘masculinos’, mas que por sua vez sabota um valor tido como essencial da masculinidade: a homossexualidade (diário de campo, março de 2012).

No que diz respeito à identidade de gênero, as reflexões e debates abertos pela pós-modernidade tem apontado para rupturas e hibridismos. O questionamento cada vez mais ostensivo sobre a natureza das diferenças de gênero tem, em linhas gerais, implodido o império masculino. E se as dinâmicas das interações atualizam os signos culturalmente compartilhados, o “destino” da masculinidade é escrito dia-a-dia nos encontros corpo-a-corpo entre os frequentadores dos estacionamentos em questão.

3 Percursos sobre o corpo

*“O corpo não é uma máquina como nos diz a ciência.
Nem uma culpa como nos fez crer a religião.
O corpo é uma festa.”*

Eduardo Galeano

Guiado pelo pensamento da multiplicidade em oposição ao pensamento binário, e pela aceitação do movimento, da instabilidade e da contaminação como marcas dos sujeitos contemporâneos, o que por sua vez me afasta de um olhar atento por captar as formas claras, lógicas, coerentes e definidoras que buscam interpretar o mundo de forma precisa por meio de teorias unificadoras, busco refletir, a partir da discussão proposta por Maria Luisa Femenias na palestra *“Contribuições filosóficas de Judith Butler para a teoria feminista contemporânea”*, que ocorreu no dia 19 de março de 2013, no auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre algumas teorias contemporâneas que rompem com correntes estruturalistas e com modelos binários, colocando em xeque a própria ideia tradicional de ciência, que produz um discurso de neutralidade e distanciamento frente ao objeto.

Surpreendida com a quantidade de pessoas presente na aula/palestra, Femenias (Universidade de La Plata – Argentina) inicia sua fala apontando o quanto as obras de Judith Butler abrem espaço para pensar a questão das identidades políticas. Traz reflexões, a partir da releitura de Simone Beauvoir proposta por Butler, sobre como se escreve a tradição feminista, que acaba por apresentar um sujeito feminino que se pressupõe natural e universal e que se constrói a partir da noção biológica binária de sexo: Mulher e Homem.

Femenias (2013), afirma que Butler, ao repensar de forma teórica a categoria de mulher representada pelo feminismo, critica o modelo binário e estável que são apresentados como únicas vias possíveis de se representar a identidade sexual, onde só é possível ser um ou outro; o que permite pensar sob quais heranças de outras épocas se construiu a noção de sexo, e também romper com identidades normativas do sujeito atribuídas a esta categoria.

Se para o existencialismo o sujeito é posto como prévio à ação, o caráter biologizante do sexo se apresenta, então, como a essência do

sujeito, o que acaba por colocá-lo como natural e fixo. Femenias mostra que a desconstrução do conceito de gênero no qual está baseada a teoria feminista revela que a lógica binária de compreender o sexo opera baseada na lógica da exclusão, e que as categorias atribuídas ao sexo se multiplicaram tanto, tornando-se impossível lidar com elas de forma binária.

A desconstrução de conceitos tradicionais que pensam o sexo-sujeito leva a um outro olhar a respeito desse sujeito essencializado e emancipado. Não há um princípio normativo que diga o que deva ser feito. Não há identidade, sim identificações.

Outro ponto também abordado por Maria Luisa Femenias (2013) diz respeito ao conceito de *performatividade* problematizado por Butler, onde aponta a performance como uma categoria que ultrapassa a representação e a norma. Como destaca De Léon (2012) em seus escritos sobre metodologia *anarcoqueer* (analítica anarquista da sexualidade), “os corpos são construídos a partir de uma performatividade que cristaliza o sexo nesses corpos”, e é por meio dos códigos performativos que deve atuar a investigação *queer*.

Femenias elucida as reflexões sobre representação partindo das ideias de Foucault, onde mostra que algo só pode ser representado a partir do momento que exista uma lei que determine o que ele seja. Daí a ideia de sujeito de direitos. Sujeitos normais.

Também como aponta Miskolci (2009), Femenias reflete sobre a concepção moderna de sujeito, vinculado à noção de binarismo sexual dita pelas ciências médicas e biológicas, e reafirmada e legitimada por um aparato institucional disciplinador e normativo, o que leva a pensar sobre como internalizamos e respondemos aos mecanismos de poder e como nos constituímos através da internalização e ressignificação destes.

Femenias (2013), a partir de Butler, também problematiza um vínculo considerado como natural pela teoria feminista: a relação gênero e desejo. Faz uma crítica à teoria freudiana, que com um objetivo de construir um objeto sexual, coloca o desejo como princípio de racionalidade. Diz ainda que Butler entende que esse desejo controlado, ocultado e negado - como mostra Foucault (2008) ao refletir sobre a descentralização do lugar do poder, que por meio de dispositivos, circula entre os corpos e por todas as esferas da vida social -, além de se apresentar como um dispositivo de intencionalidade moral, implica um paradigma de integração dos padrões dicotômicos e direciona a “lógica” de atração entre os corpos. Essa nova forma de olhar os corpos – não

apenas pelo o que nossos olhos veem - abre campo reflexivo para uma análise pós-gênero.

Como mostra Le Breton (1999), o corpo, do ponto de vista do olhar técnico-científico, foi primeiramente pensado sob a analogia “máquina” e “homem”, obtendo assim uma separação entre o sujeito e o corpo. Nessa metáfora, na perspectiva de racionalização *a priori* pensada por Descartes e depois reforçada pela medicina moderna, o corpo dissociado da máquina não tem significado algum. Porém, o fato de o corpo estar submetido a doenças e a morte, é considerado uma falha na metáfora que o vê enquanto máquina.

A definição de corpo passa assim a ter um viés racionalizado, o que o leva a ser entendido como um instrumento técnico científico em prol do avanço tecnológico. Literalmente um objeto propício a modulações, disposto a se completar para construir uma identidade, ou seja, algo que supostamente represente sua existência.

Isso permite pensar as estruturas que modelam os corpos, padronizando-os e criando mecanismos que os faça corresponder à ordem social. A medicina aliada ao Estado, com o princípio político de controle e disciplinamento, implica no poder sobre a vida, sob um discurso de verdade que é legitimado pela própria ciência. Nesse sentido, a política é aplicada em “processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem comportamentos” (FOUCAULT: 1979; p. 182), do próprio corpo dos indivíduos através de medicamentos que visam entre outras coisas, controlar “distúrbios” da determinação binária da sexualidade, utilizando também a educação como um instrumento de reprodução do discurso e da ação normativa. Esses mecanismos vão por fim determinar a exclusão dos corpos que não se dispõem à lógica da domesticação.

Em um contexto onde a antropologia se depara com a noção de *pós-modernismo*, e se escreve na negação de tradições teóricas que teriam moldado o pensamento antropológico, privilegiando discursos efetivos, e por uma nova forma de pensar o nosso envolvimento pessoal e sociopolítico com o “outro” e com o conhecimento a seu respeito, podemos, com isso, notar que a ciência, imbuída de um discurso de verdade, disseminou sobre os corpos categorias para ordená-los socialmente com base em discursos heteronormativos.

No entanto, como questiona a *Teoria Queer*, as categorias e definições aplicadas aos sujeitos não são estáticas, ao contrário, se montam e se destroem constantemente. Isso me faz pensar que por mais

rígidas que sejam essas normas, por mais inescapáveis que pareçam, algo foge do seu domínio. Há expressões que não se definem.

Segundo Louro (2008), a teoria *queer* é pensada, antes de tudo, como uma resistência ou conflito sobre um pressuposto bastante presente nas Ciências Sociais, que consiste em relacionar a ordem social partindo de um referencial de heterossexualidade, ou seja, o movimento e a teoria *queer* emergem com a proposta de ruptura da naturalização da norma heterossexual. Diz que a ressignificação do termo *queer*, até então utilizado de forma pejorativa e como insulto aos homossexuais, podendo ser traduzido como “bicha, estranho, raro...”, passa a ser pensado como um exemplo da transgressão que se dá pela ruptura da norma vigente e da estrutura significante/significado.

A sexualidade vigiada e controlada pelo Estado, pela família, pelas escolas, pela ciência e pelas religiões, passa a ser pensada a partir de um processo de desconstruções diante do olhar *queer*. Segundo Louro (2008), a oposição heterossexualidade/homossexualidade presente na cultura ocidental moderna, reflete a *construção de um modelo homossexual normal, que reproduz valores que claramente cocolam em evidência a regra heterossexual, o patriarcado, o binarismo de gênero, os corpos ‘normais’ e ‘anormais’, a ditadura da beleza, a monogamia, e o próprio sistema capitalista.*

Ao instigar rupturas, não apenas de políticas de assimilação, mas do próprio sistema capitalista, os estudos *queers* alertam, como afirma Louro (2008), “para o fato de que uma política de identidade pode se tornar cúmplice do sistema contra o qual ela pretende se insurgir.” (LOURO: 2008).

Fazendo uma ponte com a discussão anterior, Preciado (2010) aponta, no que diz respeito à identidade, que o questionamento cada vez mais ostensivo sobre a natureza das diferenças de gênero tem desmantelado o império sexual hetero.

Beatriz Preciado (2011), em seu artigo *Multidões Queers*, compreende essas questões como um sistema *heteropolítico*, que:

[...] contribui para a normalização e a integração dos gays e lésbicas na cultura heterossexual dominante, o que favorece as políticas pró-família, tais como a reivindicação do direito ao matrimônio, à adoção e a transmissão do patrimônio. Algumas minorias gays, lésbicas, transexuais e transgêneros reagiram e reagem hoje contra esse essencialismo e essa normalização da

identidade homossexual. (PRECIADO, 2011, p. 17-18)

Vale lembrar que a concepção de família na cultura ocidental moderna está calcada na ideia naturalizada de reprodução e de corpos biologizados, e sob o regime do patriarcado expressa uma unidade social onde “o cabeça governava” as mulheres, as crianças, as emoções, etc.

Esta instituição social, valorizada pela lógica heteronormativa e por discursos de ampliação de direitos civis e da cidadania, que refletem a integração e assimilação dos “desviados” à lógica heteronormal, passa a ser posta em xeque diante da proposta *queer* de questionar e sugerir a dissonância do corpo e das relações que o compõem.

Enquanto movimento, o *queer* surge como crítica radical ao processo institucionalizador das identidades não normativas, e como produto de um discurso acadêmico, importado/pirateado do contexto norte-americano, vem sendo utilizado fortemente nos estudos contemporâneos sobre sexualidades no contexto brasileiro. Isso me leva a questionar se tal suporte teórico dialoga com as realidades vivenciadas por *fanchas, bichas, travas, bolachas, maricas, caminhoneiras, viados e barbies* do contexto brasileiro.

3.1 Arquitetura *corpo-a-corpo*

Nas interpretações sobre *La modernidade superada: arquitetura, arte y pensamiento del siglo XX*, Josep Maria Montaner (1997) reflete acerca das transformações ocorridas em finais do século XIX e início do XX, que refletiram a diluição de tradicionais representações da realidade e buscas por novas formas de expressão no “mundo das máquinas”, das formas geométricas, da matéria, e da mente e dos sonhos – com os avanços impulsionados pelos estudos de Sigmund Freud sobre a psicanálise e o processo de constituição da Psicologia Moderna –, tecendo uma crítica a modernidade.

Estas buscas e críticas à arquitetura modernista foram experimentadas e expressas nas artes, na literatura e na arquitetura, como também mostram, em suas diferentes perspectivas metodológicas, xs críticas em urbanismo e arquitetura Giulio Carlo Argan (1993) com suas reflexões sobre a *História da arte como história da cidade*, e

Marina Waisman (2013) em suas contribuições sobre a desconstrução da historiografia arquitetônica latino-americana.

Montaner (1997) cita como exemplo a Escola de Bauhaus, que a partir da implantação de um método sistemático moderno-racional-métrico e seu aparato técnico, criavam formas, recriavam máquinas e abriam espaço para se pensar novas possibilidades na arte, na arquitetura e no desenho.

Os e as artistas de Bauhaus se empenhavam em criar uma “engenharia para a arte, a arquitetura e o desenho”, porém, seus métodos começam a ser questionados e transformados com críticas ao formalismo e racionalismo pela “terceira geração moderna”.

No contexto de uma produção artística e arquitetônica voltada ao progresso e aos avanços tecnológicos, dentre os/as arquitetos/as da terceira geração moderna, destaca-se Lina Bo Bardi, ainda sem romper com os princípios básicos de objetividade, racionalidade e funcionalidade, a arquiteta propunha uma experimentação *corpo-a-corpo* com a realidade, superando as imposições lógicas e os limites da arte/arquitetura moderna, acrescentado toques poéticos, irracionais e irrepetíveis às novas formas.

Lina Bo Bardi, por meio de uma ação *corpo-a-corpo* com o entorno, oferecia alternativa às regras vanguardistas repensando a ideia de modernidade universal e indo de encontro a noção de arquitetura *vernacular*, que expressa um caminho na constituição da arquitetura latino-americana, como também descreveu Waisman (2013) ao conceber as conexões entre modernidade e arte popular e tradicional.

No entanto, o corpo no qual Lina Bo Bardi se inspirava era o corpo concebido a partir de pilares modernos que refletia sua aproximação com a natureza. Um corpo orgânico, racional e sexuado entre o espaço público masculino e o doméstico feminino.

Códigos negociados através dos movimentos corporais no urbano - como observado no contexto do Parque da Cidade - podem operar como desestabilizadores de valores morais e discursos sólidos e simbólicos sobre a arquitetura dos corpos e dos lugares. Imaginar o urbano a partir do empoderamento dos corpos excluídos dos próprios projetos e planos urbanísticos e arquitetônicos. Isso passa pelo reconhecimento de privilégios atribuídos a certos moldes corpóreos coerentes e adequados.

Corpos que transitam pelo desconhecido, que tecem um lugar, temporário talvez, por meio de experimentações no/do corpo-cidade que borram e distendem os limites e cruzamentos. Que incorporam e contaminam por meio de travessias o lugar da possibilidade, da

circunstância, do acaso e da experimentação. Criam potência de afeto. Criam fissuras na estrutura das relações de poder e embaralham os códigos da cidade enquanto sinônimo de *biopolítica*.

4 Considerações Finais

Ao longo deste trabalho busquei apreender as relações entre o corpo e a cidade em movimento, dando atenção ao gênero e a sexualidade enquanto marcadores sociais da diferença na experiência urbana contemporânea.

Com a intenção de elucidar aspectos direcionados à crítica a arquitetura dos corpos e da cidade, atravessados e contaminados por alicerces e *croquis* racionais e funcionais, optei por fazê-lo inclinando os diálogos entre leituras sobre as *errâncias urbanas* e seus *praticantes ordinários*, aproximando os olhares da antropologia urbana, do urbanismo e da arquitetura, e dos estudos de gênero e sexualidade.

Isto me posicionou diante de debates acerca do urbano entendido como um emaranhado de negociações tensas e prazerosas, onde meu corpo se encontrou em meio aos conflitos inerentes aos choques com a circulação pela cidade. Meu corpo posto a caminhar pelo parque para então suscitar questões sobre a relação entre as negociações atravessadas pelo desejo da identidade, do espaço e do corpo.

Com relação ao trabalho de campo, algumas de minhas notas esclarecem um pouco sobre o que pude perceber neste processo. A proposta *teórico-metodológica queer*, o *flâneur* e a *corpografia urbana* foram fundamentais para (re)orientar as formas de pensar o corpo e a própria prática científica, além de tensionar o debate sobre o envolvimento afetivo-sexual no decurso etnográfico. Atentar ao seu próprio corpo enquanto pesquisador, e com isso atentar a prática científica, não mais encarada de forma celibatária, e sustentada pelo “mito do antropólogo assexuado” (BUFFON: 1992).

Assim, partindo do olhar para a arquitetura e o gênero e a sexualidade enquanto construção social cujos caminhos se sobrepõem, me propus a analisar esta relação por meio da etnografia de uma área onde homens se encontram para fazer sexo com outros homens no Parque da Cidade de Brasília-DF.

Na tentativa de organizar informações que obtive a partir da pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, iniciei minhas reflexões situando meu lugar de fala e parte de minha trajetória acadêmica para orientar a corpografia da escrita.

Procurei, então, refletir à luz (ou *à meia-luz*) de autores e autoras que se debruçam sobre o urbano e métodos para encará-lo a partir da

valorização do sensível como meio de tecer uma crítica ao processo de espetacularização a qual a cidade contemporânea se encontra.

No *percurso sobre o corpo*, trouxe reflexões a respeito da desconstrução do alinhamento sexo-gênero-desejo, antes tomado como uma pretensa verdade orgânica sobre os corpos. O corpo arquitetado por meio de expectativas modernas, tais como razão e solidez tem suas estruturas abaladas e se desmorona.

Discuti, desse modo, de que forma as situações vivenciadas diariamente no parque dizem respeito as relações de poder que encontramos nos espaços urbanos projetados a partir dos desejos e privilégios masculinos, possibilitando um olhar sobre *a cidade vista a partir de corpos sexualizados* apreendidos através de marcas de conflitos de alteridade escritos também na cidade. Com isso, sou levado a pensar as maneiras que os corpos se reapropriam do ambiente urbano e o exercício do direito a cidade como um privilégio masculino, o que me permite pensar sobre as lógicas espaciais e corporais em tensão e negociação na urbes.

As brechas abertas na cidade a partir da (re)apropriação do urbano fazem questionar sobre como os processos de produção do espaço das cidades refletem em novas configurações e possibilidades de ressignificação e experimentação, justamente por se tratar de uma arquitetura esboçada pela prática e fora das pranchetas de arquitetos e urbanistas.

As práticas sexuais que ocorrem no Parque da Cidade me levam a perceber que mesmo com a imposição de um urbanismo e uma arquitetura opressora, heterocentrada e higienizada, fissuras são abertas para a apropriação e subversão dos espaços urbanos.

Isso me situa em um cenário de travessias e conflitos. A regulação e o controle dos corpos e das paisagens urbanas se expressam também no discurso de quem pensa a cidade a partir da construção de muros concretos e *biopolíticos*, muros limpos, higienizados e conservados. Muros calados que apontam para uma dimensão da cidade midiática inscrita nos anúncios e propagandas direcionados aos que valorizam o consumo seguro e limpo do lugar.

Assim, entendo o controle do corpo-cidade como mais uma dimensão das políticas públicas fascistas de segurança, onde representam o processo de *enobrecimento* da urbes, processo este marcado por conflituosas e violentas limpezas urbanas e corpos excluídos e varridos pela *gentrificación* (LEITE: 2002).

REFERÊNCIAS

- ARÁN, Márcia. *Os destinos da diferença sexual na cultura contemporânea*. In: Revista de Estudos Feministas, vol 11 (2). Florianópolis: 2003.
- ARANTES, Antonio. *A guerra dos lugares: mapeando zonas de turbulência*. In: Paisagens paulistanas – Transformações do espaço público. Campinas SP: Editora da Unicamp, 2000.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Trad. de Irene Aron. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006. _____. *Haxixe*, 1984.
- BEHR, Nicolas. *Poesília: poesia pau brasil*. Brasília: 2010.
- BRAZ, Camilo Albuquerque de. *À meia-luz: uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino*. Campinas SP: 2010.
- BUFFON, Roseli. *Encontrando uma tribo masculina de camadas médias*. In: Trabalho de campo e subjetividade. Florianópolis: PPGAS, 1992
- CONNEL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. In: Revista de estudos feministas, 21 (1): 424, janeiro-abril, 2013.
- CUTY, Jennifer. *Prefácio*. In: Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana. Ana Luiza C. da Rocha e Cornelia Eckert (orgs). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 1994.
- DE LEÓN, Adriano. *Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarcoqueer*. In: Política e Trabalho, João Pessoa, nº 36, 2012
- FEMINIAS, Maria Luiza. *Contribuições filosóficas de Judith Butler para a teoria feminista contemporânea*. Auditório de Filosofia e Ciências Humanas –CFH, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis –SC, 19 de março de 2013.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988. _____. *Vigiar e punir*, 2008. _____. *Microfísica do poder*, 1979. _____. *A ordem do discurso*, 1971.
- FRY, Peter. *Da hierarquia à igualdade: construção histórica da homossexualidade do Brasil*. In: Para inglês ver. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

- GROSSI, Miriam Pillar. *Na busca do “outro” encontra-se a “si mesmo”*. In: Trabalho de campo e subjetividade. Florianópolis: PPGAS, 1992. _____ . *Masculinidades: uma revisão teórica*, 2004.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 4. Ed – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos Errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012. . _____ . *Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas*. In: Corpocidade:debates, ações e articulações, 2010.
- KULICK, Don. *Travesti: sexo, gênero e cultura no Brasil*. (Tradução, Cesar Gordon). – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. São Paulo: Papirus, 1999.
- LEITE, Rogerio Proença. *Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown*. In: Revista brasileira de ciências sociais. Vol. 17 nº 49 junho 2002.
- LEMINSKI, Paulo. *Toda Poesia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 1 ed; Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MACHADO, Lia Zanotta; MAGALHÃES, Themis Quezado de. *Imagens do espaço: imagens da vida*. In: Brasília, ideologia e realidade: espaço urbano em questão / Aldo Paviani (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2 ed., 2010.
- MAGNANI, J. G. C. *De perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana*. Rev. Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, N. 49. São Paulo: 2002.
- MAGNATIVA, Pasqualino. *O lugar da diferença*. In: Revista de Urbanismo e Arquitetura, América do Norte, 6, dez. 2008.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. In: Sociologias, Porto Alegre, n 21. 2009. _____ . *Desejo e solidão*, 2011.
- MONTANER, Josep Maria. *La modernidad superada: Arquitectura, arte y pensamiento del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- POCAHY, Fernando. *A pesquisa fora do armário: ensaio de uma heterotopia queer*. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

PRECIADO, Beatriz. *Pornotopia: arquitectura y sexualidade en Playboy durante la guerra fria*. Barcelona: Anagrama, 2010.

_____. *Multidões queer*, 2011

RIBEIRO, Gustavo Lins. *O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008.

ROCHA, Ana Luiza C. da; ECKERT, Cornelia (orgs). *Etnografia de rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SENNET, Richard. *Carne e pedra. o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SIMÕES, Julio Assis. *O negócio do desejo*. In: Cadernos Pagu. São Paulo, 2008. (p.535 -546)

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Na companhia dos homens – sociabilidades masculinas*. In: Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de século, 1995

WACQUANT, Loic. *Corpo e alma – notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

WAISMAN, Marina. *O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos*. São Paulo: Perspectiva, 2013